

ESTR  
VANG  
EIRAS

À MARGEM  
DA PRÓPRIA  
PÁTRIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

MARINA CASTILHO RAMOS

ESTRANGEIROS:

---

À margem da própria pátria

RIO DE JANEIRO  
2019

Marina Castilho Ramos

---

ESTRANGEIROS? À margem da própria pátria

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Visual Design

Orientadora Raquel Ferreira da Ponte

Rio de Janeiro  
2019

---

---

■ ■ A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo. ■ ■

Paulo Freire

Sempre disse que, quando chegasse esse momento, essa parte ia ser extensa. Acredito que nenhum conhecimento se faz sozinho, sem troca e, na conjuntura atual, sujeitos a um governo que desfavorece em medidas drásticas a educação brasileira, é preciso lembrar-se disso o tempo todo. Assim, espero que esse trabalho sirva também como memória de uma história escrita por aqueles que acreditam no ensino como resistência e saída a tempos tão incertos. Por isso a importância de se nomear cada uma das pessoas que ajudaram esse projeto a ser concluído:

Aos meus pais, Francineide Castilho Ramos e André Luis Paes Ramos, que desde sempre lutam por uma educação básica, gratuita e de qualidade, apoiando e fazendo o possível para que eu estivesse onde estou, em uma das melhores universidades do Brasil. À minha tia Flávia, que dividiu muitas vezes o trabalho de me dar suporte em tempos difíceis, junto com a minha mãe e o resto da família.

Aos amigos, artistas e resistentes de nascença, que moram comigo e ou dividiram referências acadêmicas ou me acompanharam nos dias que adentrava madrugada escrevendo: Ramon Cardoso, Guilherme Tarini, João Pedro, Renan Gorito, Hugo Rio e Richard Enbel. A esses dois últimos, meu eterno obrigada por emprestar o computador quando o meu estava impossibilitado de ser usado e por me incentivar a continuar escrevendo fazendo companhia acordado mesmo quando ambos estávamos esgotados. Também por todas as alimentações compartilhadas quando a última coisa que eu pensava era em parar para fazer comida.

Aos meus amigos de faculdade, principalmente Raquel Machado Carvalho, que participou integralmente da primeira fase desse projeto, em todas as pesquisas de campo, William Yukio com seus desenhos mágicos e suporte nas referências de games relacionados e Leonardo Silva, o herói do 3D, fundamental para que a visualização desse projeto não fosse feita com bonecos palito. Ao Vitor Neves Martins, da Universidade Federal Fluminense, pelos conhecimentos cinematográficos e acompanhamento no roteiro das narrativas, além das noites em claro fazendo trabalhos junto comigo.

À equipe do CIEP José Pedro Varella, por possibilitar visitas essenciais à minha formação, construindo um espaço de troca incrível junto aos alunos surdos. À Sheila Oliveira, intérprete de LIBRAS, por me apresentar um mundo possível na educação principalmente com a vontade de fazer a diferença com seus alunos, pela paciência com todas as nossas dúvidas e dedicação incomparável aos projetos relacionados, sendo uma inspiração profissional gigante. À Denize Sant'ana e Renata Celino, por todo o suporte oferecido quando invadíamos sua sala de aula, nunca nos negando o aprendizado.

À equipe do Instituto Nacional de Educação de Surdos, extremamente acolhedora com as minhas entrevistas, ao Arthur, à Monique, Solange, Aline, Jurema, Laura, Rosária e Jéssica e todos os nomes que compõe o INES e ampliam a possibilidade de crescimento e formação tanto dos alunos de lá, quanto das pessoas que tem a honra de aprender um pouco mais do trabalho administrado ali.

À Cia de Teatro JUKAH, por entender todos os momentos em que estive ausente por conta do projeto, constituindo parte importante também nos aprendizados sobre empatia e relacionamento com o próximo, cumprindo perfeitamente o papel da arte em trabalhar nossas subjetividades com respeito ao outro, sendo também uma espécie de relaxamento do cérebro nos momentos lúdicos dos encontros. À Cecília Freitas, pela ajuda com sua formação em museologia e também referências cinematográficas.

---

Às equipes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, fundamentais para meus conhecimentos sobre a comunidade surda. À Elissandra Perse e Angela Balbaaki, professoras inspiradoras e aos grupos de “Investigação na Área da Surdez” e “Produção de Material Didático como L2 para Surdos”, ministrados pelas duas, que me acolheram sem precedentes e me ensinaram tanto sobre esse universo.

Ao meu namorado Álvaro Carvalho Fernandes, por todo companheirismo nos momentos em que eu passava dias escrevendo, pelas conversas sempre enriquecedoras e questionadoras sobre os temas, pelo incentivo quando o desânimo batia, pelas ajudas tecnológicas que, mesmo sendo designer, ainda me dificultam a vida e por estar presente sempre. Às minhas amigas de vida Ana Clara Ruas e Letícia Rocha, por dividirem a luta e estarem comigo mesmo quando a presença não era possível, carregando inclusive espelhos pela rua para que esse projeto existisse.

---

Por fim, à Carmen Lúcia, professora de artes que doou seu tempo incontáveis vezes para que eu fizesse a prova de THE que possibilitou minha entrada na Escola de Belas Artes, à Raquel Ponte, a melhor orientadora que eu poderia ter tido e à Irene Peixoto, pelo acompanhamento final. À Lucy Niemeyer, que despertou meu olhar para o design social e a todos os mestres que passaram pela minha vida, transformando realidades e inspirando essa vontade de passar o conhecimento adiante pelo simples fato de resistirem ao sistema que faz de tudo para que não sejam valorizados.

## RESUMO

O projeto “Estrangeiros: à margem da própria pátria” trata-se de uma exposição itinerante cujo objetivo é promover uma troca de lugares entre surdos e ouvintes, usando a empatia como veículo e disseminando, assim, informações básicas sobre o universo da surdez. Utilizando estratégias de Comunicação Visual, Design Thinking e Human Centered Design, foi definido o público-alvo e, a partir dele, os núcleos que embasam cada tema da exposição. Os temas destrincharam-se em histórias que, com a ajuda da realidade virtual, compuseram, junto a entrevistas, pesquisa de campo e leituras, o percurso expositivo que levará o público-alvo a experimentar a sensação de estar em uma realidade onde a comunicação torna-se um problema latente. Questões sobre identidade, cultura e marginalização também são abordadas nesse espaço de investigação do lugar em que o surdo ocupa e qual sua relação com a maioria ouvinte – pessoas que ouvem e tem acesso à língua oral portuguesa sem o uso de aparelhos auditivos – que partilha de uma cultura diferente, mesmo estando no mesmo país. A proposta envolve principalmente a criação de uma Identidade Visual e aplicações desta na exposição, que espera contribuir para amenizar os preconceitos sobre a surdez, criando-se um novo olhar sobre o diferente, mais digno, respeitoso e inclusivo.

**Palavras-chave** Exposição. Design. Empatia. Surdez.

Figura 1	
Figura 2	
Figura 3	
Figura 4	
Figura 5	
Figura 6	
Figura 7	
Figura 8	
Figura 9	
Figura 10	
Figura 11	
Figura 12	
Figura 13	
Figura 14	
Figura 15	
Figura 16	
Figura 17	
Figura 18	
Figura 19	
	Simulação da Tela Inicial 32
	Storyboard 39
	Percurso da Exposição 42
	Desenvolvimento Logotipos 44
	Logotipo final 45
	Paleta de cores 45
	Imagem de apoio 48
	Linha do tempo 50
	Sala de Espera 1 51
	Sala de Espera 2 52
	Sala de Espera 3 52
	Nicho 1 53
	Nicho 2 53
	Nicho 3 54
	Uniformes 54
	Cartaz 55
	Metrô 55
	Interior CCBB 56
	Fachada CCBB 57



## SUMÁRIO

- 1. INTRODUÇÃO 10**
- 2. O SUJEITO SURDO-VISUAL 11**
  - 2.1. Núcleos sociais 14
- 3. METODOLOGIA 16**
  - 3.1. Design de Exposição 30
  - 3.2. Sinopse 32
  - 3.3. Roteiro e Storyboard 35
  - 3.4. Percurso da Exposição 41
- 4. IDENTIDADE VISUAL 42**
  - 4.1. Naming 42
  - 4.2. Logotipo 44
  - 4.3. Paleta de cores 45
  - 4.4. Imagem de apoio 47
  - 4.5 Aplicações 54
- 5. CONCLUSÃO 57**
- 6. BIBLIOGRAFIA 58**

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2010, o IBGE coletou dados sobre a população que sofria algum tipo de deficiência auditiva por meio de um Censo Demográfico, a fim de descobrir a porcentagem da sociedade que era surda e, assim, implementar políticas públicas de assistência. No entanto, a única pergunta a respeito disso no questionário era:

Censo Demográfico 2010. Disponível em: [https://censo2010.ibge.gov.br/images/pdf/censo2010/questionarios/questionario\\_amostra\\_cd2010.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/images/pdf/censo2010/questionarios/questionario_amostra_cd2010.pdf). Acesso em 02 de jul. de 2019.

6.15 – Tem dificuldade permanente de ouvir? (Se utiliza aparelho auditivo, faça sua avaliação quando o estiver utilizando)

1 – Sim, não consegue de modo algum

2 – Sim, grande dificuldade

3 – Sim, alguma dificuldade

4 – Não, nenhuma dificuldade

A partir dessas respostas, a única informação que podemos obter é que, de 190.755.799 pessoas entrevistadas, 9.717.318 assinalaram possuir algum tipo de deficiência auditiva. Ou seja, o censo não considera quantas pessoas nasceram surdas ou tornaram-se, se elas utilizam a Língua Brasileira de Sinais ou mesmo se possuem implante coclear. Das que usam, se o aparelho funciona bem ou não, se fazem uso da lei de cotas ou se são oralizados<sup>1</sup>.

Isso demonstra uma total falta de preparo por parte do governo em lidar com esse assunto. Como criar políticas públicas sem saber exatamente qual público precisa delas, de que forma e por que motivo? Essa falta de informação sobre a própria população se reflete nas relações corriqueiras em que as discrepâncias entre surdos e ouvintes mais ocorre, principalmente por quem sofre isso na prática e muitas vezes não tem o suporte necessário para entender questões primordiais acerca do universo surdo. A dificuldade permeia os laços humanos desde núcleos familiares até relações teoricamente distantes, como o ambiente da sala de aula.

O projeto surgiu da vontade de pesquisar sobre e deparar-se com a frustração de haver pouquíssimas e limitadas informações acerca do tema. É notável a baixa disseminação deste, principalmente para pessoas que nunca tiveram contato com o público surdo e que,

<sup>1</sup> Surdos que realizam leitura labial e utilizam algum tipo de língua oral para se comunicar, geralmente por meio de acompanhamento fonoaudiológico

na maioria das vezes, passam pelo processo de descoberta desse universo somente após se depararem com alguma situação em que precisam lidar com essa relação – ou no meio profissional, ou no familiar. Ainda assim, não é um processo fácil, justamente por causa desse difícil acesso aos procedimentos necessários, sem contar com o próprio deslocamento de sujeito que é necessário para que se entenda a subjetividade e as necessidades do outro.

O intuito, então, é promover, por meio de uma exposição itinerante, de forma empática, um entendimento das dificuldades que os surdos brasileiros passam dentro do próprio país em situações consideradas banais e cotidianas, para que essas informações cheguem ao maior número de pessoas possível – preparando-as minimamente para esse contato. Assim, o público-alvo ouvinte será direcionado a cabines que conterão uma cadeira, um fone de ouvido e um óculos de realidade virtual, que simulará histórias cujos protagonistas sejam deslocados para uma realidade onde todas as pessoas são surdas e eles deverão interagir com elas, cumprindo objetivos que evidenciarão a dificuldade de comunicação, tão fundamental para o desenvolvimento humano.

## 2 O SUJEITO SURDO-VISUAL

Por surdo, entende-se – por uma definição biológica relacionada a um diagnóstico fonoaudiológico – como um indivíduo que sofreu perda de mais de 70 decibéis da audição, podendo escutar com dificuldade ou não perceber os sons. Podem ser surdos de nascença, sendo um dos exemplos quando a mãe contrai rubéola na gestação, ou surdos que perderam a audição ao longo da vida, por surtos de doença como a meningite, forte principalmente na década de 1990, ou por diversos outros motivos. Nesse caso, dependem da leitura labial, aparelhos auditivos e/ou implantes cocleares (que nem sempre se configuram como uma alternativa viável), além de escolherem utilizar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Do ponto de vista social, pertinente à abordagem desse trabalho, considera-se “surdo”, ou “sujeito surdo”, o indivíduo que está inserido em uma *cultura surda*, ou seja, que se identifica política e subjetivamente com a comunidade surda, construindo sua identidade a partir desta e muitas vezes não admitindo o uso de aparelhos

auditivos por acreditar ser a Língua de Sinais uma forma de manifestação cultural, política e identitária, não apenas uma necessidade de comunicação. Não será abordado, contudo, os “surdos e”: surdos e autistas, surdos e cegos, ou quaisquer características específicas para além da surdez.

Ao longo da História, os surdos foram proibidos violentamente de se expressarem em sua primeira língua<sup>2</sup>, tendo suas mãos amarradas para impossibilitar os sinais e sendo coagidos socialmente a praticar o oralismo. O oralismo é uma prática de ensino cuja língua falada, ou seja, oral – como o Português, Espanhol, Francês, entre outras – é predominante no ensino e aprendizagem dos surdos, mesmo não sendo sua L1<sup>3</sup>. O oralismo foi acentuado principalmente no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) após a decisão da prática oral no Congresso de Milão<sup>4</sup>, em 1880.

Os surdos eram considerados, inclusive, como “seres possuídos pelo demônio”. Isso porque antigamente, em uma sociedade teocêntrica, a fala estava diretamente relacionada à confissão de pecados e ao desenvolvimento do raciocínio. Logo, se a crença era de que não podiam falar, também não conseguiam confessar seus pecados, além de serem seres “irracionais”. É possível identificar a herança desse pensamento em decisões como a obrigatoriedade do oralismo na educação de surdos.

Para entender a gravidade disso, é preciso fazer a distinção entre língua e linguagem, de forma resumida, adotando como parâmetro as descrições dadas por Saussure e as definições abordadas por Geisser em “Libras? Que Língua é essa?” (2009, p.13). Assim, a primeira pode ser entendida como um código de comunicação convencional, utilizada por um grupo de pessoas, que atende a quatro critérios: fonológico, morfológico, sintático e semântico, possuindo, portanto, uma estrutura comparativa e rígida. Para Saussure, a língua faz parte da *faculdade da linguagem*, que pode ser definida como “a capacidade humana de utilizar sinais linguísticos com vistas à comunicação”.

<sup>2</sup> A primeira língua que uma criança aprende, por contato com seus falantes, e que está relacionada ao grupo étnico-linguístico com a qual ela se identifica | SKLIAR, 1998, P.26

<sup>3</sup> Primeira língua

<sup>4</sup> Reunião de educadores de surdos em um congresso internacional

Um passo importante para a conquista de direitos surdos foi o reconhecimento da LIBRAS como língua, pela lei nº 10.436, ainda que apenas em 2002. Como qualquer outra, a Língua Brasileira de Sinais também sofre variações linguísticas, ou seja, difere em cada região do país devido ao contexto social na qual está inserida e é adquirida naturalmente pelos falantes (ou sinalizantes). Dessa forma, o atraso no contato com a língua de sinais na idade adequada implica em uma série de consequências negativas na construção do indivíduo, contribuindo para que sua visão de mundo, na ausência desse contato, se torne absolutamente limitada.

A Língua de Sinais é espaço-visual, ou seja, é gerada e transmitida através de gestos num espaço limitado, que inclusive configura-se como um dos parâmetros da língua. Ou seja, se os surdos não tiverem contato visual com outros sinalizantes, para adquirir de forma natural a sua língua de sinais, lacunas na aprendizagem são criadas, dificultando completamente o processo de ser-estar desse sujeito surdo com o mundo e a interação com seu redor. Para a formação de um sinal, a gramática de LIBRAS apresenta cinco parâmetros visuais: configuração de mãos; ponto de articulação; expressão facial e/ou corporal; orientação/direção e movimento.

Dessa forma, o seu entendimento se dá majoritariamente pelo sentido da visão, que, enquanto para os ouvintes é onde a maior carga de informação é retida primeiramente, para os surdos é a principal forma de apreensão cognitiva. Uma vez que podemos entender o design como uma linguagem híbrida que atua visualmente nos processos de codificação e significação, visando a Comunicação ou transmissão de informação como objetivo final, pode-se entender a relação entre a aquisição da LIBRAS e os estudos em Comunicação Visual como ferramenta-chave para entender os mecanismos de interpretação e construção de significados referentes à comunidade surda.

## 2.1 NÚCLEOS SOCIAIS

O presente trabalho considera a diversidade de realidades possíveis encaradas pelos surdos e a falta de conhecimento acerca do assunto, que dificulta a aproximação desses sujeitos com os ouvintes e, conseqüentemente, afasta os primeiros de processos participativos da construção de sociedade como um todo. O termo escolhido para designar essa excludente participação social de indivíduos que estão inseridos no contexto brasileiro ouvinte em relação aos aspectos regionais e culturais, simultaneamente a um vínculo cultural surdo na mesma região, foi o *deslocamento*. Para além de migrações ou deslocamentos físicos, trata-se de um *deslocamento do sujeito*, conceito abordado no fragmento a seguir:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo.

HALL, 2006, p. 9

No caso da comunidade surda, no entanto, parece que essa descentração acompanha os que se identificam com esse grupo desde o nascimento ou, pelo menos, desde a fase de aquisição de linguagem, por se encontrarem desde cedo em uma minoria linguística que é condicionada a respeitar a majoritariedade ouvinte. A fim de proporcionar uma transferência do olhar do ouvinte para o cotidiano e as dificuldades sociais enfrentadas diariamente pelos surdos, bem como apresentar sugestões para que esses empecilhos sejam, pelo menos, amenizados, e entendendo a complexidade do tema, este projeto se propõe a recortar quatro núcleos considerados principais nessa relação.

O **primeiro núcleo** configura-se como os que não possuem nenhum contato com o indivíduo surdo. Nunca interagiram diretamente com este, podendo ou não ter ouvido informações a respeito, mas não de forma aprofundada. Não é um contexto que interfira no seu cotidiano e não tem que lidar com nenhum tipo de convivência, nem possui conhecidos que passem por situações parecidas, muito menos se atentou algum dia para necessidades deles ou para as implicações que isso resulta para esse conhecido. Desconhece completamente

esse universo e talvez só vá descobrir a existência desses sujeitos ao visitar a exposição.

O **segundo núcleo** é composto pelos *familiares, ou seja, pessoas que mantêm uma relação de parentesco com o indivíduo surdo*. Interação diariamente com este, precisando passar por uma série de adaptações cotidianas frente às necessidades do surdo, mas nem sempre da melhor maneira possível. Pode considerar ou não as limitações deste e considerá-lo incapaz ou apto a uma independência social. Considera o surdo e entende sua relação como “diferente” mas sabe ou não lidar com as consequências dessa interatividade e os desafios que o surdo apresenta diariamente.

O **terceiro núcleo** aborda os *professores, mestres e docentes que estabelecem uma relação com um aluno surdo*. Sua interação acontece estritamente dentro das salas de aula, podendo o professor ter ou não um conhecimento prévio sobre o tema. Envolve a necessidade de preparar materiais didáticos diferenciados que possibilitem a aprendizagem desse público, sem que a facilidade demasiada dificulte o avanço cognitivo destes. Muitas vezes a relação com o surdo será direta, visto que nem todas as salas de aula são privilegiadas com a presença de um(a) intérprete e deverá considerar também uma possível interação com os pais deste aluno surdo. É um dos trabalhos mais delicados, já que para além do conteúdo, o professor deverá se atentar também às questões culturais e identitárias que aparecerão ao longo do ano letivo, bem como ter cuidado para não acentuar a diferença de tratamento entre o surdo e os alunos ouvintes.

O **quarto núcleo** refere-se aos *profissionais de saúde que possuem o surdo como paciente direto*. Compreende, por exemplo, psicólogos, fonoaudiólogos, médicos, etc. A interação se dá de forma impessoal e deve-se considerar as abordagens pessoais, étnicas e culturais envolvidas no atendimento, para além de questões biológicas. O profissional pode ou não ter uma precedência de envolvimento com a comunidade surda, mas precisa ao menos entender o contexto desse sujeito a fim de possibilitar a escolha do tratamento pelo próprio surdo e/ou acompanhante, sem favorecer uma indução enviesada.

O objetivo é, depois de apresentar o aspecto geral do universo sobre surdez comumente para todos, abordar de forma individual cada núcleo destes, disseminando conhecimentos específicos acerca da área de atuação deste para com os surdos. Assim, ao final do processo, o espectador deverá ser capaz de entender de forma empática as situações pontuais de cada nicho que eles passam, além de se deparar com soluções viáveis que poderão ser aplicadas dependendo daquele contexto. Para isso, no roteiro serão incluídas experiências de pessoas que já passaram por aquela situação e encontraram uma forma de driblar as barreiras existentes.

### 3 METODOLOGIA

---

O trabalho se dividiu em praticamente duas partes. A primeira começou com uma aula de Design Social, onde nosso objetivo era interferir diretamente na sociedade com o design, em uma experiência real, a fim de solucionar os problemas existentes na comunidade escolhida. Assim conheceu-se o CIEP José Pedro Varela, bilíngue, que dispunha de turmas de jovens e adultos e ensinava surdos principalmente com a atuação da Sheila Oliveira, professora e Intérprete. Ela contava com uma Sala de Recursos e a boa vontade dos professores de compartilharem as matérias que seriam administradas para que sejam minimamente adaptadas para atender aos surdos.

Foram utilizadas metodologias e ferramentas do Design Thinking e do Human Centered Design nas dinâmicas feitas com a equipe do CIEP para mapear as necessidades da escola, ambientar-se naquele universo desconhecido até então e estruturar objetivos, traçar estratégias viáveis e consolidar o projeto em si – que se tornou placas de sinalização e letramento para os alunos surdos. Foi nesse primeiro contato com o público-alvo que se coletou informações a respeito das suas rotinas, dificuldades, medos, desejos e todos os arquivos foram aproveitados para o desenvolvimento da exposição, que agora conta com um público diferente: os ouvintes.

Na segunda parte, então, foram feitas entrevistas no Instituto Nacional de Educação dos Surdos, um centro de referência desses estudos, para entender qual era a relação dos surdos com a equipe de lá. Também foram ouvidas pessoas que não necessariamente teriam algum contato com esse público, a fim de saber qual o imaginário que



havam construído sobre os surdos, suas expectativas em relação à cultura surda e o conhecimento que tinham acerca do tema para, assim, identificar quais as principais informações básicas deveriam ser transmitidas a eles, até mesmo corrigindo estereótipos estabelecidos dentro de uma pré concepção muitas vezes preconceituosa - vestígios do pensamento antiquado que acompanha a história da comunidade surda.

Além disso, considerou-se os relatos, palestras e atividades do COINES – Congresso Internacional do INES de Educação para Surdos, que ocorreu em setembro de 2018. A produção de material didático para surdos e participação em eventos com essa temática também foram incluídos, bem como pesquisas bibliográficas sobre a surdez, a exemplo dos textos de Fernandes (2007), Bolognini e Rodrigues (2018), Quadros (1997), Sacks (2010), dentre outros.

Sobre as entrevistas, segue uma narração feita a partir das coletadas no CIEP. Observação: alguns nomes foram trocados por pseudônimos a pedido dos entrevistados para manter o anonimato e todas contaram com a interpretação da Sheila. A partir delas, personas foram criadas e suas principais dificuldades mapeadas com base nas jornadas do usuário, nas quais foram destacados alguns pontos sensíveis. Os destacados em *itálico* serão explorados e trabalhados posteriormente no projeto de exposição.

### **I. Renata Celino**

*38 anos, surda, oralizada | Funcionária do CIEP*

Renata é casada, possui uma rotina familiar saudável e leciona no CIEP José Pedro Varela, onde auxilia Sheila na comunicação com os alunos. Faz mestrado e ministra um curso de Libras, além de estudar a Língua Portuguesa com frequência. Encontra dificuldade de aceitação pela família do marido, que também é surdo.

**Jornada:** Renata acorda com o despertador pela manhã sem dificuldades, toma um bom café da manhã com seu marido, que também é surdo, e se prepara para ir ao aeroporto, está com uma viagem marcada. Ao chegar lá confere os horários do voo, mas ao tentar embarcar percebe que há algo errado. Os horários foram alterados, mas o painel suspenso continua mostrando o horário anterior. Sem um intérprete de Libras que traduza as informações passadas pelo alto-falante, Renata leva mais tempo

que o previsto para resolver seu problema e encontrar essa informação e, quando finalmente a encontra, descobre que perdeu o voo e terá que esperar 7 horas até o próximo. Após esse transtorno realiza a viagem, volta para a casa, faz serviços domésticos e dedica parte do seu tempo ao estudo da Língua Portuguesa.

## **II. Eduardo Gomes**

*21 anos, surdo, não oralizado | Estudante do CIEP*

Eduardo é solteiro e se matriculou em uma turma de Educação de Jovens Adultos no CIEP há pouco tempo. Analfabeto funcional, não trabalha e abandonou os estudos após encontrar obstáculos na comunicação e aprendizado. Eduardo anda bastante a pé e pega ônibus às vezes. Sonha em viajar pelo Brasil e conhecer lugares novos, além de encontrar uma namorada.

**Jornada:** Pela manhã acorda com bastante dificuldade, pois nem sempre sente o celular vibrando. Come pão dormido, que é o que tem na geladeira, e bebe refrigerante que alguém trouxe de uma festa infantil. Sai de casa a caminho de uma consulta médica e precisa manter contato com Sheila, que o acompanhará como intérprete. Na consulta, o médico pede que Eduardo tire a roupa e Sheila precisa permanecer na sala para traduzir o que é dito. Após a consulta, ambos voltam para sua rotina normal e à noite Eduardo vai para a escola, onde sente grande dificuldade em compreender o que a professora diz. Ao voltar para casa tem um sono irregular, pois tem medo de dormir demais e ser castigado por não cumprir as tarefas domésticas da manhã.

## **III. Sheila Oliveira**

*47 anos, ouvinte, bilíngue | docente do CIEP*

Sheila leciona para surdos desde 1994. Este é o trabalho da sua vida. É docente do CIEP José Pedro Varela, no Rio de Janeiro, e trabalha para a prefeitura de Niterói. Casada, mora com o marido e mesmo tendo sempre muito trabalho a fazer, não abre mão do seu lazer e do seu tempo de descanso.

**Jornada:** Sheila acorda sem dificuldade pela manhã e não tem tempo de tomar café. Se apronta para o trabalho em Niterói, para o qual desloca-se com veículo próprio, mesmo com medo de assalto, onde produz material didático de Libras para surdos. Com um tempo livre após o trabalho, faz alguma atividade de

lazer, como ir ao cinema, teatro ou shows e no fim do dia retorna para casa, onde faz serviços domésticos e descansa para o próximo dia.

## PONTOS SENSÍVEIS

### I. Pessoais

- *Alunos surdos sem rotina familiar e com alimentação ruim;*
- *Exploração para os serviços domésticos;*
- *Deslocamento comprometido, pois a família não compreende a necessidade do uso do smartphone até que ela seja afirmada por Sheila;*
- *Falta de credibilidade no surdo por parte da família;*

### II. Sociais

- *Dificuldade de independência;*
- *Dificuldade no acesso ao entretenimento;*
- *Problemas do cotidiano que poderiam ser resolvidos pelo conhecimento amplo em Libras, como o da comunicação entre médico e paciente e a necessidade de intérpretes de Libras em espaços públicos, como o aeroporto;*

### III. Didáticos

- *Dificuldade na produção de material didático – repertório restrito;*
- *Literatura surda limitada;*
- *Imagens com licença de uso restrito;*
- *QR codes pagos no uso comercial;*
- *Surdos analfabetos;*

### IV. Estruturais

- *Surdos com dificuldade em comunicar-se com os professores;*
- *Surdos com dificuldade em localizar as salas de aula e demais dependências do CIEP;*

Esses relatos foram de importância fundamental para o entendimento sobre o contexto no qual muitos surdos estão inseridos, denotando principalmente sua falta de independência tanto física quanto intelectual, não por uma incapacidade, mas pela crença das pessoas envolvidas nos seus núcleos de não entenderem o quanto prejudicial são as limitações às quais submetem seus conhecidos surdos. Ou, ainda, pela ampla falta de preparo no fornecimento de um material adequado para que eles possam se desenvolver integralmente, com a liberdade de pensamento necessária para tal.

O objetivo é, depois de apresentar o aspecto geral do universo sobre surdez comumente para todos, abordar de forma individual cada núcleo destes, disseminando conhecimentos específicos acerca da área de atuação deste para com os surdos. Assim, ao final do processo, o espectador deverá ser capaz de entender de forma empática as situações pontuais de cada nicho que eles passam, além de se deparar com soluções viáveis que poderão ser aplicadas dependendo daquele contexto. Para isso, no roteiro serão incluídas experiências de pessoas que já passaram por aquela situação e encontraram uma forma de driblar as barreiras existentes.

Foi nessa etapa que se iniciou a constituição da base para as gameficações que serão explicitadas mais à frente no projeto, responsáveis por situar o espectador em circunstâncias previamente impensadas por eles. Cada conclusão extraída das entrevistas tornou-se uma micro situação que evidencia o desconforto passado, às vezes, diariamente pelos surdos. Assim, cada experiência relatada transforma-se na experiência que o espectador vivenciará por conta própria, possibilitando uma troca de papéis essencial para a formação da empatia. As partes escolhidas serão inseridas dentro de histórias que por vezes permeiam de fato a realidade dessas pessoas, por outras se comunicam através de cenários fictícios.

Para a segunda etapa, foram formulados dois grupos de perguntas direcionadas aos seguintes públicos:

1. Ouvintes que interagem com surdos constantemente.
2. Ouvintes com pouca ou nenhuma interação com surdos.

Ao grupo 1, as perguntas foram essas:

1. Como começou sua relação com a comunidade surda?  
Lembra de algum evento específico?
2. Você sabe LIBRAS?
3. Quais as maiores dificuldades enfrentadas nessa relação?
4. Como você lidou com elas e que tipo de estratégia usa?
5. Como você se sente tendo de lidar com isso?
6. Como você acha que eles (os surdos) se sentem em relação às dificuldades?
7. Se pudesse escolher dizer uma coisa, a mais importante, para que todas as pessoas soubessem, qual seria?

Ao grupo 2, as perguntas foram estas:

- 1.O que você entende por “pessoa surda”? O que acha delas?
- 2.Você sabe o que é LIBRAS?
- 3.Você já passou por alguma situação desconfortável cujo principal problema fosse a comunicação?
- 4.Você acha que existe um preconceito com as pessoas surdas?
- 5.O que você acha que deveria ser feito para amenizar as diferenças sociais?
- 6.O que você faz no seu dia a dia para isso?
- 7.O que você faria se seu filho/pai fosse surdo?
- 8.Como você acha que eles (os surdos) se sentem em relação a essas diferenças?
- 9.Se pudesse escolher dizer uma coisa, a mais importante, para que todas as pessoas soubessem, qual seria?

As perguntas foram feitas para entender a relação que os ouvintes tinham com o surdo, abordando não só questões teóricas como emocionais. Afinal, para que a empatia seja exercida, é necessário que o campo emocional esteja envolvido no processo, caso contrário toda a experiência torna-se distante e o objetivo dessa exposição não seria cumprido. O design emocional (NORMAN, 2008) abordado também será um aliado para se alcançar os resultados esperados, mas ele será retratado posteriormente.

Além disso, perguntas sobre as estratégias usadas mostraram-se importantes para que, ao final de cada situação, haja não uma solução, tendo em vista que problemas socialmente complexos exigem mais do que fórmulas mágicas, mas, ao menos, um sinal de esperança que é possível conviver com o outro de maneira em que os dois sintam-se confortáveis na relação, mesmo que a identificação ocorra na luta de se entenderem em conjunto. Seguem as respostas, respectivamente, do corpo pedagógico do INES e de pessoas com alguma ou nenhuma interação com o surdo.

As entrevistas foram realizadas de forma que se sentissem confortáveis e falassem abertamente sobre o tema, nem sempre respeitando a ordem linear das numerações e, a fim de ordenar o conteúdo logicamente, as informações foram reorganizadas, mas todas seguem rigorosamente os relatos oferecidos.

**Monique I Grupo 1**

*Diretora de departamento do INES*

Estou há 28 anos no INES. Meu primeiro contato com o tema foi numa escola privada de integração na qual eu lecionava, em 1983 ou 84. Eu não sabia nada sobre o tema, só que tinha pessoas surdas no mundo. Até que eu me deparei com uma turma que tinha um aluno surdo, e eu tentava incentivar a estudar mais, pois via que ele escrevia o português errado e estava muito abaixo do nível da turma, então sempre dizia pra ele estudar mais. Então um dia um amigo desse menino surdo me repreendeu durante um intervalo, dizendo que eu estava sendo preconceituosa com o colega dele, que eu não podia tratar ele assim só porque ele era surdo e que tinha dificuldades que não seriam enfrentadas comigo desincentivando ele dessa forma. Eu nunca me senti tão mal na minha vida, afinal, não era pra isso que eu tinha me tornado professora, pra desrespeitar eles mesmo que sem querer, era pra formar eles da melhor forma possível. Então comecei a pesquisar sobre o assunto, e me aprofundi no INES, na época eu não podia fazer um curso de especialização para surdos, mas fiz para cegos. Fiz o concurso pro INES e só fui chamada em 91. Fiz o curso de LIBRAS na FENEIS, mas eles só ensinam o cotidiano, não a LIBRAS necessária para dar aula, eu só fui aprender efetivamente com o contato com os alunos surdos. A maior dificuldade é a comunicação mesmo, a falta de termos técnicos por exemplo. Eu dou aula de iniciação à química e física, imagina você ter que explicar vários conceitos com nomes que ainda não foram criados? E retomar conceitos leva tempo. Na época que eu comecei a dar aulas no INES, os computadores só estavam começando, então era tudo braçal, a gente desenvolvia o máximo de material didático que podia, tudo à mão. Hoje faço parte de um grupo de pesquisa que conta com surdos pra criação de sinais específicos para cada área, o nome é Manuário e você pode acessar no site do INES. Os sinais precisam ser desenvolvidos! Claro que tem que ter uma apuração dos sinais que vão ser os oficiais, afinal a proliferação desses sinais é favorável porque permite que as pessoas se comuniquem e seja mais fácil, e como toda a língua, essa apuração tem um lado que amarra, mas que também valida e qualifica aquele sinal. Tem alguns surdos que usam aparelho, que ajuda, mas é só uma ferramenta, esse trabalho de comunicação tem que ser feito junto aos pais também. Os surdos se sentem tristes, desconfortáveis e isolados.

Eu me sinto angustiada, agora menos, mas teve um dia que eu andei uma avenida inteira automaticamente só pensando em como transmitiria aqueles conceitos da matéria pros alunos, como que eu ia fazer com que eles entendessem. Mas é tudo uma troca né, eu também preciso deles pra isso dar certo. Algumas estratégias que eu uso envolvem sempre mostrar a imagem, apresentar o conceito e discutir com eles o melhor termo pra gente começar a usar. Usamos as imagens de bancos de imagens disponíveis na internet. Eu não sei se consigo escolher uma coisa só pra dizer, são todas tão importantes! Mas acho que diria para as pessoas serem empáticas, porque isso resolveria não só esse como todos os problemas da humanidade (risos).

### **Aline I Grupo 1**

#### *Segurança do INES*

Eu baixei o “ProDeaf”<sup>5</sup>, mas só aprendi de fato com os próprios alunos da DESU (Departamento de Ensino Superior do INES). Eles tinham muita paciência comigo, escreviam e mostravam os sinais pra que eu entendesse. Eu nem sabia o que era o INES, só tinha feito a prova pra ser segurança e vim parar aqui, aí que eu fui descobrir do que se tratava. Um dos episódios que eu lembro foi quando um surdo passou mal e precisou ir pra sala de enfermaria, ele queria dizer o que tava sentindo mas não conseguia se comunicar. Eu me senti inútil. LIBRAS deveria ser que nem curso de primeiros socorros, todo mundo deveria saber porque pode salvar vidas, ou perder por uma besteira dessas. A maior dificuldade acaba sendo a comunicação mesmo, você quer comer e não pode, você quer ir ao banheiro e não pode, tem toda uma dificuldade em coisas tão normais. Acho que a Prefeitura podia criar uma central de Intérpretes, porque muita gente liga pra cá perguntando se a gente pode enviar um intérprete pra ajudar o filho ou algum conhecido em algum evento, e a gente não pode né, os intérpretes são daqui, já tem as demandas daqui. Então essa Central ia ajudar muita gente. A criação de placas para surdos também seria um grande avanço, eles poderiam andar por aí com mais autonomia. Outra coisa seria as pessoas aprenderem LIBRAS. Os surdos ficam revoltados quando os ouvintes dizem que sabem, mas não sabem de fato. É melhor assumir

---

<sup>5</sup> Software de tradução de texto e voz da Língua Portuguesa para LIBRAS

É melhor assumir que não sabe logo que eles ensinam. Eles tem necessidade de serem aceitos, permanecem no INES ao longo do dia porque aqui eles são aceitos e se sentem confortáveis, mas queriam se sentir incluídos em outros lugares também. Se eu pudesse escolher uma coisa pras pessoas saberem, é que os surdos são tão normais quanto qualquer outra pessoa. Até música eles escutam, mas na vibração, no jeito deles. Não tem nada de diferente. Você já viu o vídeo do Felipe Brum interpretando aquela música “I knew you were trouble”? É incrível.

### **Jurema | Grupo 1**

*Professora do INES*

Fiz um curso em 1986 para trabalhar com deficientes e o INES tinha curso de especialização de professores, que durava um ano. Eu e minha amiga pagamos uma pessoa surda pra dar aula pra gente, porque não tinha aula de LIBRAS ainda com tanta facilidade, não tinha intérprete. Eu aprendi mesmo em contato direto com os movimentos surdos que tavam acontecendo para se apropriarem da sua língua. Fui intérprete uma vez de um surdo num processo jurídico e quando cheguei lá fiquei agoniada, porque o coitado tava algemado(!) e amarrar as mãos dele é como botar uma mordaca nos ouvintes, ele não tinha direito de fala naquele momento, de se defender, nada. Depois, no INES, comecei a trabalhar com as crianças e foi tranquilo porque eu já tinha o contato anterior com alunos surdos adultos né. Apesar de toda a luta, os surdos ainda se sentem não vistos, ainda tem muita luta pela frente. A surdez acaba privando a pessoa do passado, pela própria falta de intimidade que tem com os familiares, veja, o primeiro acesso que temos é quando conhecemos nossa história, quem nós somos no mundo. Eu me sinto muito privilegiada e feliz, com certeza expandida desde que entrei na área da surdez. Acho que as pessoas precisam ter respeito com os direitos aos diferentes, porque isso sim é exercer a verdadeira acessibilidade para todos.

### **Laura | Grupo 1**

*CODA: ouvinte, filha de pais surdos*

Eu aprendi LIBRAS com meus pais surdos. Tanto que meu primeiro contato com ouvintes foi na escola com três anos já. A gente tinha problemas de compreensão, não de comunicação em si, eu era meio que a



mediadora linguística deles (risos). Quando eu tinha 6/7 anos, já falava pelos meus pais. Uma vez fomos ao hospital e uma guarda não queria deixar eu entrar, mas aí eu disse que ela não saberia falar com ele e ela deixou eu entrar. Uma forma de preconceito que eu me lembro eram de pessoas que negavam o aluguel de apartamentos pros meus pais quando descobriam que eram surdos, como se fizesse alguma diferença... Fiz um curso de extensão, todo em LIBRAS, de formação continuada de intérpretes. Me sinto resiliente, sempre aceitei a situação, só vou aprimorando as formas de lidar com elas, e meus pais sempre brincaram sobre isso, se faziam compreendidos. Inclusive acho que os surdos tem sorte de não ouvir certas coisas, sabe. As pessoas ou tentam fazer gestos pra se comunicar com eles ou se recusam a tentar qualquer forma de comunicação. Então eu acho que as pessoas tem que ter olhos de ver, pra perceber as subjetividades e entender que não é esse monstro todo, é tudo muito natural, qualquer pessoa que chegue perto vê isso.

### **Rosária | Grupo 1**

#### *Suporte pedagógico do INES*

Entre no INES há 25 anos e descobri a surdez aqui mesmo. Minha experiência anterior era com o surto de meningite que aconteceu na década de 1990, aí todo caso que eu pegava de surdez mandava direto pra fonoaudiologia. Trabalhei no fundão e depois no INES. Às vezes mandava pro Hospital São Sebastião, mas depois ele fechou. Fiz um curso de LIBRAS na época que não era obrigatório os funcionários daqui fazerem, porque hoje é né, mas aprendi mesmo na prática. É uma relação muito de troca. O problema é que tem muita falta de atendimento na Rede (SUS, Rede Pública, CRAS), não tem tradutor-intérprete nesses lugares. Na Delegacia mesmo quando chega alguém, mandam aqui pro INES, a gente tenta ajudar mas não é nossa responsabilidade né, não deveria ser. Tinha uma Central de LIBRAS antigamente, mas hoje só o TJ tem esse suporte. Como eu me sinto depende do dia: uns são legais, dá uma sensação de estar ajudando alguém, mas nos outros em geral é difícil porque não podemos nos responsabilizar totalmente por eles, apesar do vínculo de muitos anos. É difícil separar o profissional do afetivo assim. Às vezes eles chegam muito nervosos e a intérprete dá uma segurança real de que a conversa tá sendo efetiva. A maioria da procura dos surdos é por causa de problemas familiares, aí mediamos encontros deles com a família. A família

geralmente prende muito, superprotegem e os jovens querem independência. Jovens são sempre jovens independente da situação. Os surdos tem o conforto da língua aqui, se sentem ouvidos de verdade. A gente uma vez fez um levantamento de dados sobre os alunos daqui, a maioria é da Zona Norte, uns 70%. Da Zona Oeste, 30% são só da Baixada Fluminense. Os que vem da Zona Sul são das áreas periféricas. Eu acredito da defesa de uma educação bilíngue de fato, porque a comunicação é limitada.

### **Jéssica | Grupo 1**

*Professora pedagoga do INES*

Estou no INES desde 2010, mas já tinha certa curiosidade antes. Tinha feito um curso básico de LIBRAS, mas aprendi mesmo na prática. Em 2010 o Ministério Público exigiu que os servidores que entrassem aqui fizessem o curso, mas é muito básico, se chegar lá fora você não consegue acompanhar os sinais. A principal barreira que temos é a comunicação, temos dificuldade de encaminhar os surdos pra saúde, justiça, benefício, porque não vai ter atendimento com intérprete nesses lugares. Mas eles (os surdos) tentam se comunicar sempre como podem, escrevem tudo no papel e vamos tentando nos entender. As diferenças são um pouco amenizadas aqui no comércio de Laranjeiras, porque eles frequentam bem, aí os donos de bar e tal já sabem o sinal do que os surdos sempre pedem (risos). De resto, dependem das ações de boa vontade, muitas vezes ligam pro INES pra perguntar coisas que precisam. As instituições religiosas, principalmente as evangélicas, fazem mais movimentos de acolhimento. Na católica tem a Pastoral de surdos, mas é menos. O aluno geralmente se converte pra essas religiões porque é onde tem a língua deles, namoram lá, interagem e conseguem acolhimento nesses espaços. Na Internet eles veem de tudo, já entrou em grupos de comunidade surda? Tão em todo lugar, Facebook, WhatsApp, Youtube, só não usam muito o Twitter porque é muito textual e eles são visuais né, mas a gente tem que acompanhar a velocidade das redes sociais. Eu queria que as pessoas entendessem que o surdo não é incapaz, ele só depende de instrução e estímulo, mas é capaz de tudo.”

## Arthur | Grupo 1

*Psicólogo do INES*

Aqui temos três psicólogos, as outras duas são fluentes em LIBRAS, mas eu ainda não, então me sinto conflituoso. Como psicanalista, trabalhar com as nuances é fundamental e perder isso na hora de me comunicar com o surdo, e de entender ele, é ruim, porque passa pela intérprete. Mas ao mesmo tempo é fundamental quando algum conceito no vocabulário faz diferença na consulta, por exemplo “complexo” e “complicado”. Aí quando precisa, nesses casos, a intérprete explica os conceitos separadamente. Os maiores problemas apresentados são em relação à família, onde 95% são ouvintes. Eu faço um trabalho de mediação, de conciliação, justiça. Geralmente a família acha que o filho tá entendendo tudo que eles dizem e vice-versa, mas eu pergunto pra ele e a resposta nunca condiz com o que acham que foi comunicado. Aí a gente tenta trabalhar a sensibilização da família, que muitas vezes descobrem só aqui que não é tão simples assim essa comunicação. Então os surdos tem um espaço de fala que geralmente não tem em casa. Bom, o que eu falaria pras pessoas é que surdo não é mudo, é importante dizer também que eles não são todos heterogêneos, todos tem sua própria subjetividade, como todo mundo.



## Rio | Grupo 2

*Nunca teve contato com surdos*

Surdo é alguém que não tem o sentido da audição. LIBRAS é uma forma de linguagem que foi desenvolvida para se comunicar com pessoas surdas. Eu sempre tenho problemas com comunicação, nunca consigo falar pra pessoa o que eu realmente quero, fico com aquilo preso na garganta e não consigo falar. Mas eu tento me certificar que a pessoa saiba dessa insegurança minha de falar. Às vezes eu falo a mesma coisa de várias formas diferentes pra ter certeza que a mensagem chegou até a pessoa minimamente da forma que eu quis dizer. Um dos problemas que tive relacionado a isso foi ter feito sexo sem a minha vontade porque não soube dizer que na verdade não queria, e não tinha como a outra pessoa saber também se eu não dei nenhum indício disso. Foi horrível. Não sei LIBRAS, mas preciso aprender, tenho muita curiosidade. Não sei se tem preconceito, mas acho que sim,

porque os surdos são minoria e as pessoas odeiam minorias. Se eu tivesse algum parente surdo eu procuraria LIBRAS, sairia contando pra ver quem poderia me ajudar e procuraria ONG's e escolas que tenham atendimento para surdos. Acredito que as maiores dificuldades das pessoas surdas sejam relacionadas a coisas cotidianas, como ir ao mercado, à farmácia, ou conseguir trabalho. Uma forma de amenizar essas dificuldades no geral seria o governo implementar LIBRAS no ensino básico, e as pessoas terem noção e paciência pra ajudar. Quando eu aprendo sobre essas coisas fico reflexivo, como eu faço arte penso em como essas questões se aplicam no campo da arte também... Eu acho que o que eles sentem depende da pessoa, igual a qualquer outra pessoa que não se enquadra nos padrões de normalidade. Uma coisa que eu acho importante as pessoas saberem é que elas não precisam estigmatizar isso de forma negativa, afinal é como qualquer outra língua, inglês, francês, que quando as pessoas falam todo mundo adora porque é gringo. Agora a gente tem isso no próprio país e tem esse alarde todo? Não dá pra entender.

### **Richard I Grupo 2**

#### *Nunca teve contato com surdos*

Surdos são pessoas com limitações auditivas. LIBRAS é uma linguagem de comunicação entre surdos e ouvintes. Nunca tive problemas de comunicação num nível que me impedisse de fazer alguma coisa. Existe muito preconceito estrutural sobre as pessoas surdas, as pessoas ouvintes falam gritando com elas, nem todos os espaços, como bibliotecas, escolas e faculdades são preparados para os receberem. O primeiro passo que todo mundo devia dar para amenizar as diferenças seria aprender LIBRAS. O que eu preciso fazer, sendo aluno de licenciatura de história, é aprender LIBRAS e participar de movimentos temáticos sobre a surdez, ir me preparando para atender alunos surdos em sala de aula. Se algum parente meu fosse surdo, eu me prepararia e o ambiente da casa também, pesquisaria grupos de pais de surdos no facebook, iria pedir ajuda a médicos e procurar instituições de surdos pra me auxiliar. Eu acho que eles se sentem representados pelas pessoas que discutem o tema, que assim vão ganhando espaço. Mas não são todos, o resto deve se sentir pouco representado. As pessoas deveriam aprender LIBRAS e não serem arrogantes na rua.

## João | Grupo 2

### *É sobrinho de uma tia distante surda*

Eu tenho contato com ela desde que nasci, sempre ouvia minha mãe falar “eu vou cuidar dela, ela não sabe se virar sozinha.” Eu sei só um pouco de LIBRAS, o básico. Conseguia estabelecer diálogos com ela, mas aprendi muito com ela. Quando a gente não se entendia, tentava estabelecer símbolos mínimos. Primeiro tive um estranhamento, mas depois aquilo se naturalizou. Ela passa uma imagem de muita força. Ela e os amigos surdos se sentiam segregados porque não estudavam com os outros alunos. Tinham uma salinha separada de todo o resto da escola, quase escondida, e tinham aula lá dentro o dia todo, só saíam na hora do recreio, aí não dá pra socializar, né. A gente tratava ela com a maior naturalidade e tentava incluir em tudo, tentávamos não causar constrangimentos. Eu queria dizer que a educação de crianças surdas *não pode* ser segregada! Tem que ter inclusão, isso faz toda a diferença na formação das pessoas.

Alguns pontos destacados nessas entrevistas foram a noção de língua como linguagem, o desconhecimento acerca do preconceito que a comunidade surda passa e a necessidade de órgãos que ofereçam auxílio nessas questões. Atualmente, só o INES, no Brasil inteiro, configura-se como um centro de referência sobre a surdez, enquanto algumas escolas são bilíngues na teoria, mas não cumprem sua função de inclusão na prática. Não é incomum intérpretes de LIBRAS serem contratados(as) por mães de surdos para que interpretem o conteúdo de sala de aula de escolas bilíngues em vez das próprias escolas “inclusivas” oferecerem tal serviço.

Os relatos também demonstram a importância da prática para o aprendizado de fato da Língua Brasileira de Sinais, fundamental para a comunicação com o sujeito surdo. O medo de se aproximar é um problema evidente nessa relação, mas na realidade os surdos sempre se mostraram muito abertos a encontrar um jeito de se comunicar e auxiliar o ouvinte a entender mais desse universo. Algo importante a ser dito para as pessoas seria: não ter medo de tentar se comunicar. Deve ser muito mais amedrontador o fato de existir em uma sociedade onde há poucos espaços que propiciem um entendimento humano que permita uma expressão libertadora.

Nas visitas aos eventos relacionados à surdez, é nítida a aproximação entre as pessoas surdas, como se a comunidade inteira se conhecesse. Suas reuniões são geralmente frequentadas pelas mesmas pessoas, em eventos normalmente comemorativos, perdendo muito da troca necessária entre surdos e ouvintes que desconhecem esse universo. Outra forma que poderia ser explorada para a disseminação da informação seria através dos cursos de LIBRAS, no entanto, estes são, em sua maioria, mais teóricos do que práticos e disputados por ter um número limitado de vagas que não compreende o necessário para que boa parte da população tenha acesso.

Como tornar esse espaço acessível, a todos, de fato, pensando na acessibilidade como o ato de alcançar o maior número de pessoas possível, sem classificar ou distinguir grupos? Como tornar o conhecimento público e, assim, fazer com que mais discussões plurais ocorram, ideias sejam implementadas e o conhecimento supere o preconceito daquilo que a princípio parece diferente? Foi com esses questionamentos que as respostas surgiram em forma de um projeto de design de exposição.

### 3.1 O DESIGN DE EXPOSIÇÃO

Os museus são locais onde se pode promover ações de estímulo à cidadania, por exemplo, à leitura de objetos e sua ressignificação, criando um vínculo de integração com o patrimônio e promovendo o surgimento de sujeitos mais ativos no que diz respeito ao conhecimento da realidade passada ou atual de um ou mais grupos sociais.

Tendo como principal objetivo disseminar as informações sobre o assunto, não apenas de forma expositiva, mas também educacional, a exposição tornou-se a melhor opção. Nela há a característica da vivência física, onde o espectador passa pela experiência de estar em um universo onde todas as pessoas são surdas, menos ele, provocando a troca de lugar inter-sujeitos. A palavra-chave escolhida para nortear essa exposição foi a empatia, que será trabalhada de forma emocional, espacial e física, para tornar a experiência aproximada da realidade.

Primeiro, foi definido o público-alvo. Como o objetivo era compartilhar as questões sobre surdez para quem desconhecia ou conhecia pouco sobre o assunto, considerando a parte da sociedade que tem acesso fácil e direto à língua portuguesa oral, o público principal escolhido foi o brasileiro ouvinte. Em seguida, esse público destrinchou-se nos

ABREU, Larissa Rachel Ribeiro de; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. Nos Braços de Mnemosine: O Espaço do Museu Como Lugar de Memória e Educação, 2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18551\\_8073.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18551_8073.pdf) Acesso em 28 de jun. De 2019

quatro núcleos comentados anteriormente, abrangendo tanto as pessoas que não tivessem qualquer relação com surdos, como aqueles que têm que lidar com mais frequência com essas questões, mas não sabem exatamente como.

Assim, o espectador será convidado para experimentar uma espécie de filme interativo, em 360 graus, no qual ele será o personagem principal, desafiado a superar obstáculos comunicativos a fim de concluir as tarefas que serão designadas a ele. Como o foco de cada núcleo é diferente, os elementos visuais e dispositivos comunicacionais serão direcionados ao fim que determinado núcleo pretende alcançar com seu percurso interativo. Em cada nicho, haverá um controle com o qual poderão efetuar as decisões ao longo das histórias.

Esses caminhos a serem decididos serão apresentados em forma de perguntas, as únicas coisas que estarão em português escrito, acompanhados de, no mínimo, duas respostas, cuja escolha ficará a cargo do espectador. Um ponto a ser observado é que nem sempre essa escolha será real, ou seja, em alguns casos o espectador vai ter a falsa sensação de escolha, para acentuar o mesmo sentimento dos surdos ao terem suas opções na vida real definidas pela decisão de algum familiar ou alguém com um poder maior que o deles.

Assim, supondo que apareçam duas opções, A e B, e a opção A for escolhida, mas representa algum tipo de liberdade para aquele sujeito, ela será automaticamente rejeitada e uma informação aparecerá ao seu lado, explicando o motivo daquela ação não ser possível. Por exemplo, no Terceiro Nicho, há um momento em que uma colega de classe, surda, entrega ao protagonista um convite de aniversário, ao passo que as opções são “aceitar” ou “recusar”. Caso o desejo seja o de aceitar, ela será rejeitada e, ao seu lado, aparecerá “Muitas famílias proíbem os surdos de fazerem qualquer trajeto que seja diferente de casa para a escola e vice-versa, por acreditarem ser perigoso e não terem predisposição ou instrução à acompanhá-los para que possam participar das interações sociais.”

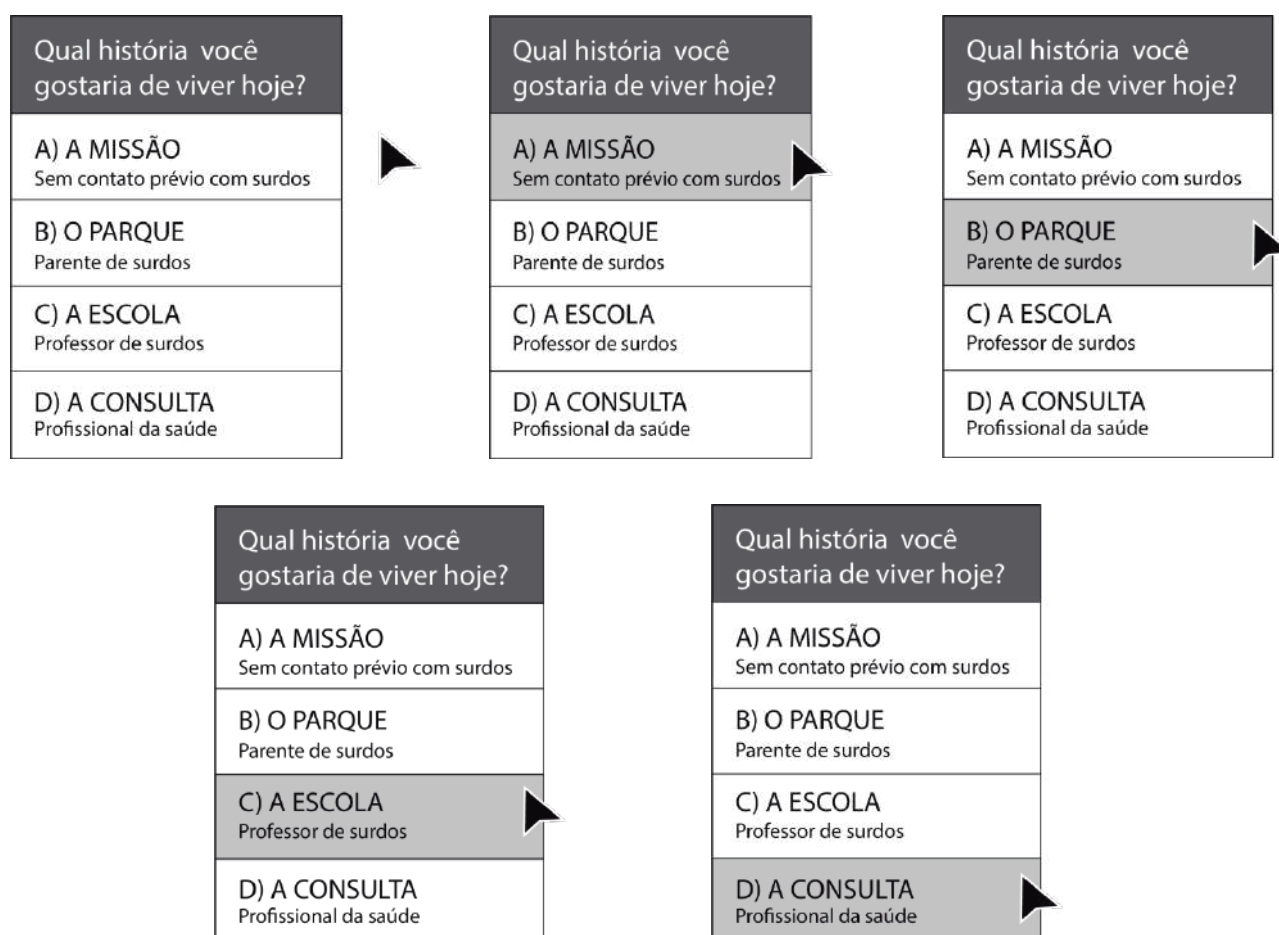
Além disso, ao final de cada história, haverá um espaço para o ouvinte relatar o que aprendeu ou achou interessante, bem como ouvir relatos de ações que, embora pareçam pequenas, fazem diferença para os surdos. Dessa forma, se o seu núcleo for o de professores,

haverá relatos sobre a experiência de deixar os alunos surdos falarem primeiro o que sabem, ou métodos que utilizaram para se entenderem. Caso o núcleo seja o de familiares, estes relatarão aonde receberam um encaminhamento correto, programações que fazem juntos e funcionam, entre outros. A ideia é que não saiam da exposição apenas incomodados, mas que recebam possibilidades de atuação que realmente possam ser efetivas na relação entre surdos e ouvintes, que possam ser replicadas na vida real.

Como cada cabine será igual a fim de atender um número maior de público por dia e evitar filas, a escolha das histórias será orientada pelos monitores da exposição – de acordo com a proximidade do espectador com o surdo – e apresentada na tela inicial que conterá as opções dos quatro núcleos. Depois, o espectador utilizará o controle citado anteriormente para começar a história. A sinopse de cada núcleo será descrita a seguir, depois da demonstração da Tela Inicial com as opções de narrativas.

### 3.2 SINOPSES

FIGURA 1 | SIMULAÇÃO DA TELA INICIAL





## Primeiro Núcleo | A MISSÃO

*Nenhum contato com surdos*

O espectador precisa concluir uma missão: entregar um cachorro-quente ao Papa Francisco. Ele se encontra no meio de uma calçada movimentada e só consegue ver placas das quais não entende nada, por estarem em outra língua que desconhece (sistema escrito da LIBRAS, ELiS<sup>6</sup>). Seu primeiro passo é comprar um cachorro quente. Terá que conseguir explicar para a dona da barraca de comida o que ele quer especificamente, bem como perguntar o preço. Depois, precisa levar o cachorro-quente até o aeroporto, que é onde ele pegará o avião que o levará até o Papa Francisco. Descobrimo onde fica o aeroporto, ao aguardar descobre que perdeu o vôo quando vai perguntar a um atendente que sabe Português, por ser bilíngue, e este o avisa que comunicaram por cores quando o avião estava saindo, mas o espectador não viu. Para embarcar no próximo vôo, precisa descobrir o destino do Papa Francisco, enviando uma mensagem de vídeo ao seu assessor perguntando a localização de ambos. Consegue entregar o cachorro-quente, o Papa o abençoa e o filme termina.

## Segundo Núcleo | O PARQUE

*Familiares de surdos*

O espectador acorda em um quarto que descobre ser seu, mas está escuro e ele precisa achar a porta. Consegue encontrar uma vela que está próxima, acende e se direciona até a porta, mas esta se encontra trancada. Espera um pouco até que alguém abra pra ele. É direcionado para a cozinha, onde alguém escolhe o seu café da manhã, a pior opção dentre as existentes na geladeira. Sai com esse parente para a rua e um evento chama sua atenção, mas ele é repreendido quando tenta saber o que é e continua seguindo o acompanhante, que o deixa sentado no banco e faz um sinal para o esperar ali. Nesse tempo, um outro ouvinte surge e senta do seu lado, começam a conversar. Esse é o único momento em que o espectador tem uma real opção de escolha. Ao final, ele recebe um convite para sair e conhecer outros ouvintes, mas o acompanhante chega e o proíbe de aceitar o convite. Voltam para casa e o espectador é trancado novamente no quarto escuro, o filme termina.

---

<sup>6</sup> O signwriting é a escrita da língua de sinais, originalmente desenvolvida para escrever a ASL (American Sign Language - escrita de sinais americana). SignWriting expressa os movimentos as forma das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação. Posteriormente, desenvolveu-se o ELiS, a Escrita da língua de sinais brasileira, seguindo os parâmetros da LIBRAS.

### **Terceiro Núcleo | A ESCOLA**

#### *Professores de surdos*

O espectador agora se encontra sentado em uma carteira, na sala de aula. O quadro está repleto de informações em outro código, que ele desconhece. A professora gesticula sinais em LIBRAS e faz uma pergunta pra ele. Ao não responder, os outros colegas riem e sussurram, e a professora demonstra uma profunda tristeza, balançando a cabeça em negação. Escreve “ESTUDAR!” no seu caderno. Sua mesa começa a vibrar e ele não entende o que está acontecendo, mas depois percebe que é o sinal de recreio, e ele sai da sala junto com os outros alunos. No recreio, fica isolado das outras crianças que o rejeitam, até que uma chega e o convida para uma festa. Ele não pode aceitar o convite. Ao voltar para casa, precisa estudar sozinho sem saber por onde começar. Quando descobre que pode pesquisar a matéria da escola no celular, alguém aparece e tira o celular dele, mandando-o estudar. O filme termina.

### **Quarto Núcleo | A CONSULTA**

#### *Profissionais da saúde*

O espectador encontra-se em uma maca dentro de um hospital. Ao chegar na sala de enfermagem, perguntam o que ele está sentindo. Ele não consegue se comunicar pra responder. A enfermeira alega para os pais que, como não sabe o que ele sente, não pode indicar medicamentos, mas que pela pressão baixa deve ter ficado sem comer. A mãe diz que faz sentido, pois ele não está se alimentando bem há um tempo, mas não consegue entender o porquê disso. A enfermeira recomenda um psicólogo. Ele é liberado e no meio do caminho o pai briga com a mãe, como se ela o mimasse demais e por isso ele está agindo assim. Vai embora, alegando não ter paciência pra essas coisas. A mãe segue com o ouvinte para uma sala de terapia. Na sala, são recebidos por um psicólogo surdo que faz perguntas ao espectador, mas a mãe corta suas possibilidades de resposta, falando na frente. O psicólogo pede para que ela o deixe falar e todas as opções que ele escolhe chegam ao médico de forma distorcida. No final, uma intérprete pede desculpas pela demora, chega e a comunicação se torna melhor. O filme termina.

O roteiro do Terceiro Núcleo foi desenvolvido, junto ao storyboard, a fim de ilustrar as sequências e promover uma breve visualização de como seriam as narrativas e como elas seriam abordadas. Essa foi a história escolhida pela ampla participação da LIBRAS no contexto da narrativa, além de conversar com a proposta do museu ao tratar do tema sobre educação, sendo também a de produção mais rápida pelo número limitado de locações: a casa e a escola.

### 3.3 ROTEIRO E STORYBOARD

A partir dessas sinopses foram desenvolvidos os roteiros e storyboards que servirão de referência para a produção dos filmes. Neste projeto de conclusão de curso, porém, o objetivo será o desenvolvimento do design de exposição, deixando a direção dos filmes para um desdobramento futuro. Segue, então, o desenvolvimento de um deles para ilustrar o caminho traçado nessa etapa.

#### **1 - INT. SALA DE AULA / DIA**

Em POV, um aluno (o espectador) está sentado na carteira da primeira fila. Ao redor, outros alunos, uniformizados, com idades entre 12 e 14 anos, conversam entre si utilizando a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. (Toda a comunicação será assim). Nas paredes estão coladas muitas imagens referentes aos conceitos de matéria, como um mapa, uma linha do tempo com os presidentes do Brasil, entre outras, sempre associadas com as palavras em LIBRAS.

Na frente da sala, um grupo conversa enquanto veem o celular, sentados na mesa do professor e rindo entre si. Ao redor do espectador, entre as fileiras, o restante da classe interage, outras pessoas dormem ou fazem os exercícios do livro sobre as carteiras. Todos ignoram sua presença.

Nesse momento, na carteira de trás um rapaz faz gestos e caretas com a boca, como se estivesse falando e aponta para o espectador, caçoando deste com

os outros meninos. Aos poucos, o resto da turma começa a rir e a imitar também.

Uma luz amarela localizada em cima do quadro, ao centro, começa a piscar intermitentemente. Nessa hora, todos os alunos retomam o seu lugar rapidamente e olham em direção à porta. Do lado dela, ao longo da parede há janelas de vidro que mostram o corredor da escola. Nele, uma mulher (36) carregando livros e uma bolsa caminha até a entrada a passos firmes. Ela é a professora.

Entra na sala, vai até a mesa e coloca suas coisas em cima dela. Ela encara a turma com um olhar sério. Pega o apagador, vai até o quadro e apaga os sinais escritos em ELiS (Escrita da Língua de Sinais). A professora volta a olhar para a turma e começa a dar aula em LIBRAS. Ela faz uma pergunta e alguns alunos erguem o braço.

A mestre escolhe um menino sentado perto da porta, que abaixa o braço e a responde. Ela balança a cabeça concordando e volta a falar com a turma. Faz uma nova pergunta e dessa vez todos erguem o braço. Ela olha ao redor e começa a encarar o espectador. Anda em sua direção. Os outros alunos abaixam os braços lentamente e observam a cena.

A professora para em frente ao espectador e o questiona, apontando para o livro aberto em cima da carteira. Nas páginas dele consta uma foto de crianças de aparência indiana, com a bandeira do país na parte superior da página e, embaixo da figura, um QR code com algumas linhas para resposta, em branco.

Ao lado da professora, no canto da tela, surgem três retângulos. No primeiro deles, há uma pergunta escrita em Português: "Por que você não fez o dever de casa?".

Nos dois retângulos abaixo, surgem janelas de vídeo em LIBRAS como alternativas de resposta. Na opção A o intérprete diz "Porque não entendi a lição". Na opção B, "Porque não tive tempo". O espectador poderá escolher uma das opções com o controle em até 1 minuto. (Independente da resposta, o percurso da história continuará o mesmo).

Após a escolha, os retângulos somem da tela. A professora o olha decepcionada, pega o livro e escreve algo nele com a caneta vermelha. Ela o coloca de volta na carteira e, em sua página, agora está escrita uma palavra: "ESTUDAR". A professora anda até a mesa e a luz em cima do quadro volta a piscar.

Os alunos fecham os livros e saem da sala animados. A professora guarda suas coisas e também sai, indicando que só está esperando ele sair para trancar a porta. A sala está vazia.

ELIPSE.

## **2 - INT. REFEITÓRIO DA ESCOLA / DIA**

O espectador está parado na entrada. Ele observa o interior. Há várias mesas compridas até o fundo do salão, onde os alunos fazem fila para pegarem a comida. Eles seguram bandejas com pratos e talheres. Alguns deles estão sentados comendo enquanto conversam. Uma menina de cabelos cacheados transita entre as mesas entregando um papel para os outros alunos.

A menina de cabelos cacheados se aproxima dele. Ela fala fazendo alguns gestos e estende um convite na sua direção. Nele há imagens de balões, bolo de aniversário, velas e confetes.

Na tela, ao lado da menina, aparecem três retângulos. No primeiro, escrito em Português, aparece a pergunta: "Aceitar convite?". Na opção A, surge uma janela de vídeo com uma pessoa assentindo com a

cabeça. Na opção B, a mesma pessoa balança a cabeça negativamente. Caso o espectador escolha a opção A, um outro retângulo surge ao lado dessa resposta, escrito em Português: "Essa opção não é válida. Muitos surdos só podem fazer o trajeto da casa para escola e vice e versa, por ter a liberdade cerceada pelos pais que acreditam na incapacidade dos filhos de se locomoverem sozinhos." Caso escolha a opção B, a história segue normalmente.

Os retângulos somem da tela. A menina o olha triste e segue em outra direção.

ELIPSE.

### **3- INT. QUARTO / NOITE**

O espectador está em pé na entrada. Ele entra, coloca a mochila na cama e tira o livro de dentro dela. Vai em direção à escrivaninha e se senta. Abre o livro na página do exercício da aula.

Na tela, acima da escrivaninha, aparecem dois retângulos. No primeiro, surge uma janela de vídeo com uma pessoa pegando o celular e apontando em direção a um QR code, indicando que o espectador deve fazer o mesmo com o livro. No segundo, a mesma pessoa fecha o livro, encerrando a atividade. Caso o espectador escolha a segunda opção, a história prossegue a partir de um momento posterior no qual o espectador fecha o livro. (Esse momento será indicado com um asterisco \*)

Caso escolha a primeira opção, pega o celular e o posiciona na frente do QR code.

A imagem demora a ser carregada, até que apareça "sem conexão" na tela do celular. Nesse momento, outro retângulo aparece ao lado do celular com a informação "Muitos surdos tem a internet de casa cortada para proibir o uso do celular e a interação com

outras pessoas, que os pais não conseguem controlar.”

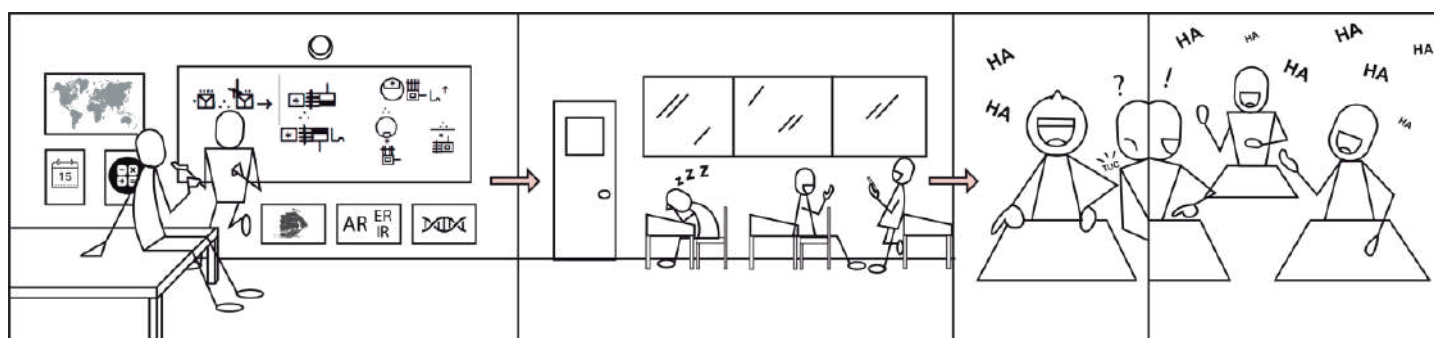
O espectador fecha o livro\* e é induzido a apagar a luz, só restando a opção B.

## 5 - INT. QUARTO / NOITE

\* O espectador está deitado na cama. Ele olha ao redor até localizar o abajur na mesinha ao lado, puxa a cordinha e apaga a luz.

FIM

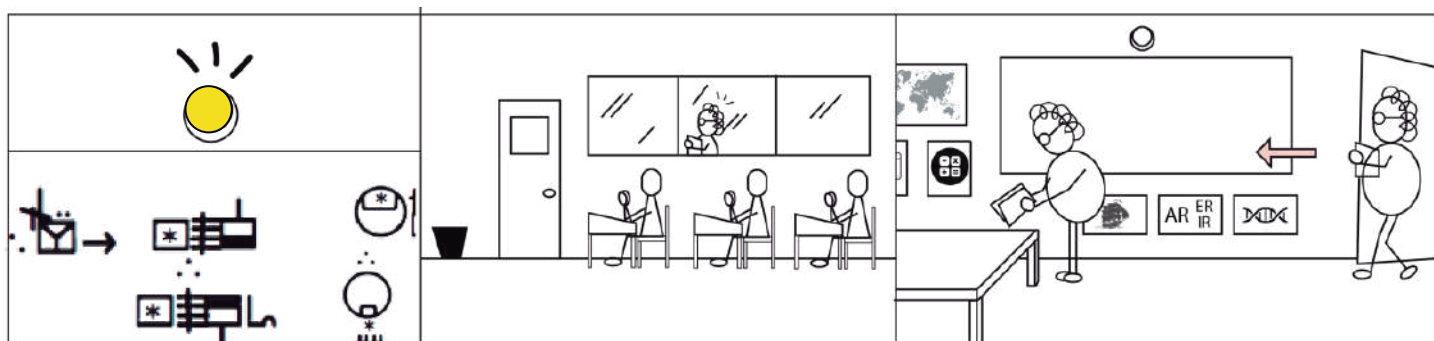
FIGURA 2 | STORYBOARD



Na frente da sala, um grupo conversa em LIBRAS enquanto veem o celular, sentados na mesa do professor e rindo entre si.

Ao redor do espectador, entre as fileiras, o restante da classe interage, outras pessoas dormem ou fazem os exercícios do livro sobre as carteiras.

Um rapaz faz gestos e caretas com a boca, como se estivesse falando e aponta para o espectador, caçoando deste com os outros meninos.



Uma luz amarela localizada em cima do quadro, ao centro, começa a piscar intermitentemente.

Nessa hora, todos os alunos retomam o seu lugar rapidamente e olham em direção à porta. A professora chega.

Entra na sala, vai até a mesa e coloca suas coisas em cima dela.



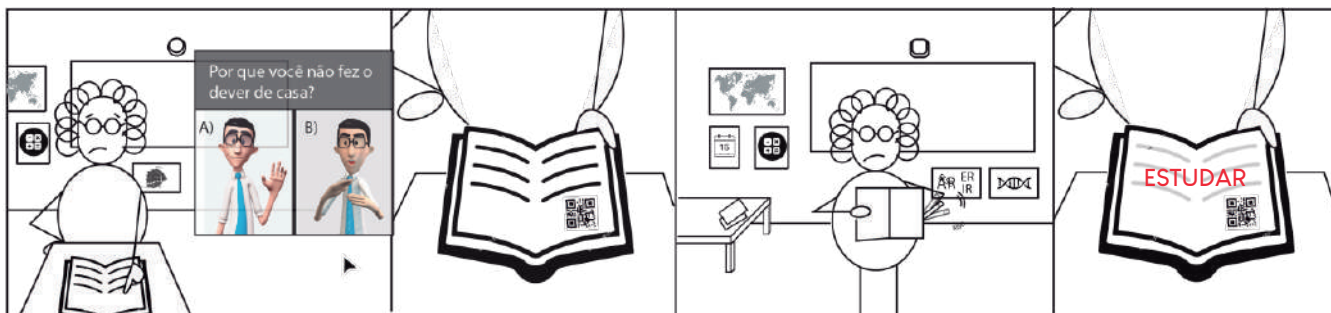
Pega o apagador, vai até o quadro e apaga os sinais escritos em ELiS

A professora volta a olhar para a turma e começa a dar aula em LIBRAS. Ela faz uma pergunta e alguns alunos erguem o braço.

A mestre escolhe um menino sentado perto da porta, que abaixa o braço e a responde. Ela balança a cabeça concordando.

Faz uma nova pergunta e dessa vez todos erguem o braço.

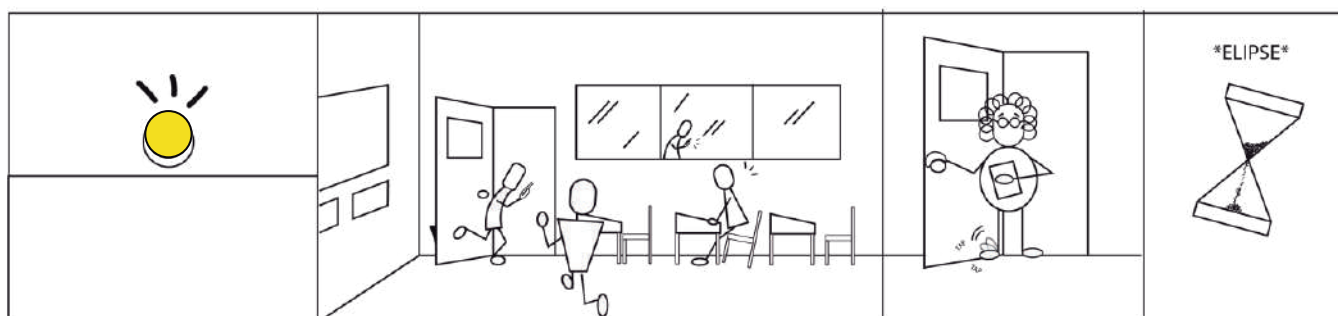
A professora para em frente ao espectador e o questiona, apontando para o livro aberto em cima da carteira.



Ao lado da professora, no canto da tela, surgem três retângulos. No primeiro deles, há uma pergunta escrita em Português: "Por que você não fez o dever de casa?".

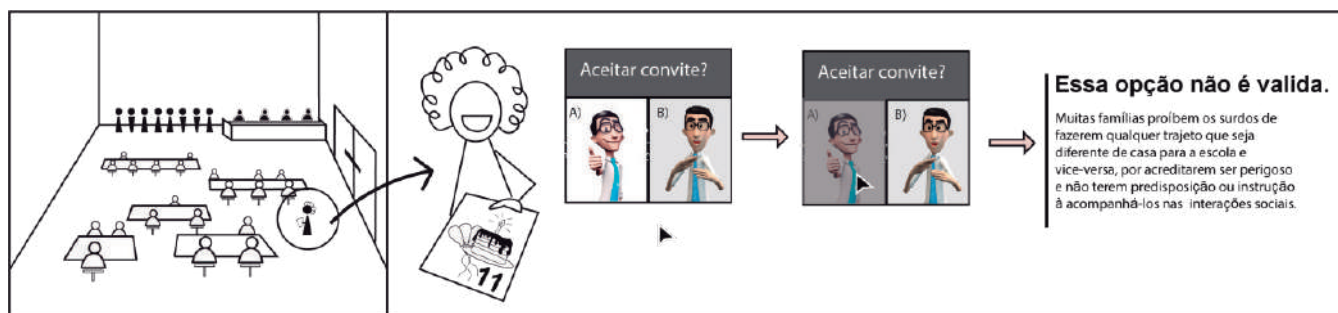
Na opção A o intérprete diz "Porque não entendi a lição". Na opção B, "Porque não tive tempo".

A professora o olha decepcionada, pega o livro e escreve algo nele com a caneta vermelha. Ela o coloca de volta na carteira e, em sua página, agora está escrita uma palavra: "ESTUDAR".



A luz em cima do quadro volta a piscar.

Os alunos fecham os livros e saem da sala animados. A professora guarda suas coisas e também sai, indicando que só está esperando ele sair para trancar a porta.



O espectador está parado na entrada do refeitório. Alguns alunos fazem fila para pegarem a comida, outros estão sentados comendo enquanto conversam. Uma menina de cabelos cacheados entrega um papel para os outros alunos.

A menina de cabelos cacheados se aproxima dele e entrega o papel.

Na opção A, surge uma janela de vídeo com uma pessoa assentindo com a cabeça. Na opção B, a mesma pessoa balança a cabeça negativamente. Caso o espectador escolha a opção A, um outro retângulo surge ao lado dessa resposta, escrito em Português: "Essa opção não é válida. Muitos surdos só podem fazer o trajeto da casa para escola e vice-versa, por ter a liberdade cercada pelos pais que acreditam na incapacidade dos filhos de se locomoverem sozinhos." Caso escolha a opção B, a história segue normalmente.



Os retângulos somem da tela. A menina o olha triste e segue em outra direção.

O espectador está em pé na entrada do quarto. Ele entra, coloca a mochila na cama e tira o livro de dentro dela. Vai em direção à escrivaninha e se senta. Abre o livro na página do exercício da aula.





No primeiro retângulo, surge uma janela de vídeo com uma pessoa pegando o celular e apontando em direção a um QR code, indicando que o espectador deve fazer o mesmo com o livro. No segundo, a mesma pessoa fecha o livro, encerrando a atividade.

Caso escolha a primeira opção, a imagem demora a ser carregada, até que apareça “sem conexão” na tela do celular. Nesse momento, outro retângulo aparece ao lado do celular com a informação “Muitos surdos tem a internet de casa cortada para proibir o uso do celular e a interação com outras pessoas, que os pais não conseguem controlar.” A única opção é a B, e o espectador apaga a luz para dormir.

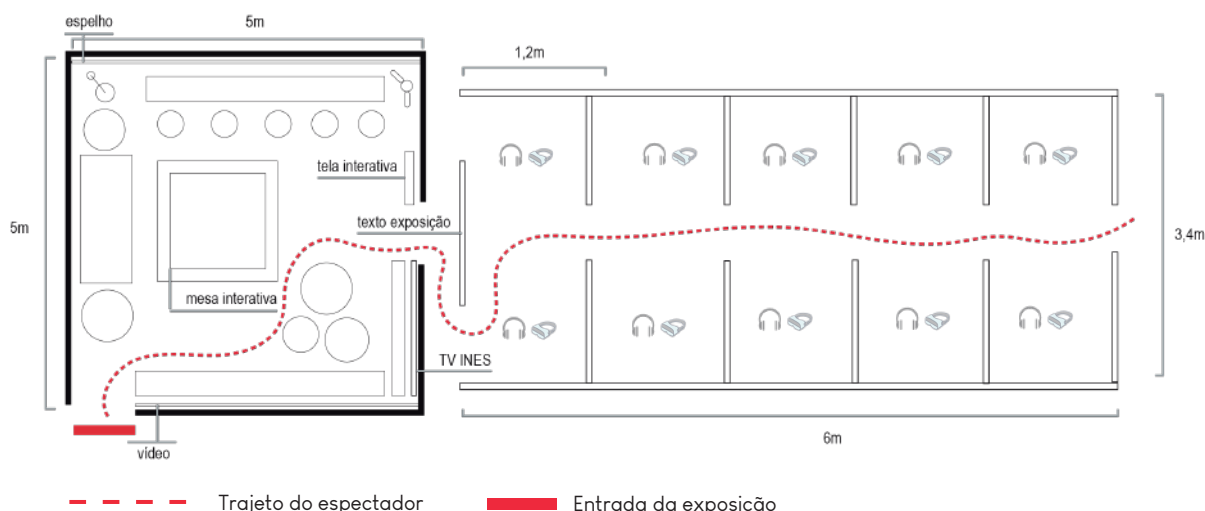
Observação  
feita a partir  
das pesquisas  
de campo no  
INES, CIEP e  
relatos sobre a  
vida das mães  
de surdos.

Ao longo de cada interação, informações serão pontuadas de forma a situar o espectador sobre o motivo das situações. Por exemplo, quando o pai briga com a mãe, surgirá na tela o número de mães que abandonaram seu trabalho e sua vida cotidiana para acompanhar os filhos nos estudos próprios para surdos, muitas vezes mudando de cidade e passando dias dentro das escolas para que o filho possa ter uma educação digna. Esse número será comparado ao número de pais que não seguem acompanhando o crescimento dos filhos ou que não alteraram em nada sua rotina após o diagnóstico da surdez.

### 3.4 PERCURSO DA EXPOSIÇÃO

Quanto ao percurso da exposição (FIGURA 2), foi pensada uma sala inicial, a Sala de Espera, onde os espectadores colocarão seus nomes nas respectivas listas dos nichos que participarão e, enquanto esperam, serão submetidos a uma ambientação do tema através de estímulos visuais e textuais. A seguir, serão encaminhados para o nicho indicado, ao longo de um corredor com cinco cabines em cada lado. Colocarão um óculos que os dará acesso à realidade 3D e usarão um headfone que abafe todo e qualquer som externo, para que mergulhem em absoluto silêncio, além de receberem o controle que os permitirá escolher as ações já descritas.

FIGURA 3 | PERCURSO DA EXPOSIÇÃO



No início, o guia recomendará que ele poderá tirar os objetos sempre que se sentir desconfortável o suficiente para continuar e estarão lá para qualquer eventualidade ao longo da narrativa. Tanto a Sala de Espera quanto os Núcleos foram pensados para serem projetados de acordo com os estudos em Design Emocional, a fim de preparar o espectador de maneira mais suscetível a abraçar a experiência.

## 4 IDENTIDADE VISUAL

### 4.1 NAMING

Percebe-se que não existe território sem disputa, e os conflitos, além de geográficos, são também linguísticos, culturais, econômicos e políticos. Em tudo isso, a procura e a vontade de ancorarmos em portos de diversidade, dispendo-nos a conhecer uma história constituída por trocas entre todos os continentes, formando um lugar que ainda busca tornar-se outro: aquele que pertença a todos que habitam.

Texto da curadoria assinada por Evandro Salles, Fernanda Terra, Marcelo Campos e Pollyana Quintella

Em uma das visitas a exposições, “O Rio dos Navegantes”, realizada no Museu de Arte do Rio, destacou-se, abordando múltiplas possibilidades de histórias e trocas promovidas pelas navegações, não só físicas como representantes do próprio processo de estar em busca de, explorando territórios cuja definição de quem detinha sua posse sempre se configurava a partir de linhas tênues. Questões como identidade e fragmentação pela agregação de culturas e suas consequências também foram abordadas. O processo de brainstorming para a nomenclatura desse Projeto seguiu um fio condutor iniciado por essas reflexões provocadas pela exposição citada.

Pode-se pensar o sujeito surdo como um navegante cujas raízes não estão estabelecidas, a princípio, em lugar nenhum. Brasileiro de nascença, partilha e se diferencia, quase simultaneamente, de uma cultura em que a maioria é ouvinte. Principalmente se considerarmos os surdos que nascem em famílias ouvintes, casos mais comuns do que CODAS<sup>7</sup> ou surdos em famílias de surdos. Assim, a escolha do nome passou por conceitos relacionados à segregação, deslocamento, marginalização, exclusão, que representassem esse não-lugar onde os surdos encontram-se, justamente pela dificuldade de acesso a questões culturais e linguísticas básicas.

Assim, “Estrangeiros” foi a palavra que pareceu definir melhor os conceitos referidos. Segue a definição segundo o dicionário Michaelis, cujo sentido figurativo interessa mais nesse caso:

**es.tran.gei.ro**

*adj SM*

**1** Que ou o que é proveniente ou característico de outra nação.

**2** FIG, P US Que ou quem efetivamente não pertence ou não é natural de um país, de uma nação, de uma comunidade etc. ou que não se considera como tal, sentindo-se alheio, estranho; ádvena, forasteiro.

Além disso, surgiu como complemento a tagline “À margem da própria pátria”, para consolidar a ideia desse habitante que compartilha de uma cultura, mas se sente forasteiro nela, marginalizado dentro do próprio país, da própria noção que para muitos transmite uma sensação de “lar”, não de isolamento. Tais reflexões precisavam ser demonstradas na logo, que seria uma parte importante da Identidade Visual da Exposição, portadora da sua mensagem.

---

<sup>7</sup> CODAS é a denominação utilizada para pessoas que nascem ouvintes, mas são filhos de pais surdos.

## 4.2 LOGOTIPO

A ideia de “pátria” e “Brasil” também deveria estar presente, já que o recorte dessa pesquisa foi direcionado aos surdos que vivem no país e precisam lidar com os desafios de questões intrinsecamente ligadas aos costumes e formas de agir daqui. Alguns testes iniciais evidenciam essa busca pelo elemento que traz essa ruptura, esse aparte de estar à margem de um conjunto, sendo considerado diferente. No início as cores tentavam trazer a noção de nacionalidade brasileira. No desenvolvimento, também se tentou trazer certo apagamento que esse sujeito sofre pelo olhar através da diferença, e não da cultura:



FIGURA 4 | DESENVOLVIMENTO DO LOGOTIPO



A partir disso, foi escolhida a logo retangular para prosseguir os testes, pela delimitação espacial das linhas, como se confinassem as letras ali dentro. O próximo passo seria evidenciar o deslocamento pela própria tipografia, extrapolando os limites a princípio estabelecidos. Além disso, rever o tamanho e a posição da *tagline* foi necessário, por ser parte importante da Identidade Visual e parecer perder sua força no estágio atual. Ela teria que funcionar como um complemento indispensável ao naming, e não ser reduzida a um elemento secundário. As tipografias escolhidas foram *Alpaca Scarlett Demo* para “Estrangeiros” e *Cooper Hewitt* para “À margem da própria pátria”. Assim, a redistribuição de pesos se deu da seguinte forma:

FIGURA 5 | LOGOTIPO FINAL



### 4.3 PALETA DE CORES



	<b>CMYK%</b> 0 0 0 100 <b>R G B</b> 34 34 33 #222221		<b>CMYK%</b> 66 56 54 58 <b>R G B</b> 64 64 63 #404040		<b>CMYK%</b> 59 49 47 40 <b>R G B</b> 91 90 90 #5b5a5a		<b>CMYK%</b> 51 44 42 27 <b>R G B</b> 116 112 113 #747071		<b>CMYK%</b> 24 18 18 1 <b>R G B</b> 201 201 201 #c9c9c9
---	--	---	--	---	--	---	---	---	--

FIGURA 6 | PALETA DE CORES

Quanto à paleta de cores, houve uma mudança significativa do degradê com as cores da bandeira brasileira – amarelo, azul e verde. No lugar, entraram as variações da escala cinza. De acordo com Eva Heller, autora do livro “A psicologia das cores”, o cinza pode ser associado a 1. “cor sem caráter”; 2. “a cor da insensibilidade” e 3. “a cor do esquecimento e do passado”. Os conceitos por trás dessas definições dialogam diretamente com as questões abordadas na exposição, como será visto a seguir:

### 1. "cor sem caráter"

O cinza é uma cor que apresenta variedades tonais de proporções exponenciais se colocada ao lado de outras cores. Na verdade, são elas que determinam o tom do cinza e justamente por isso a autora define o cinza como "conformista": ele segue o seu contexto e não apresenta uma personalidade forte. Essa capacidade de modificação do cinza conforme as circunstâncias espelha a necessidade de adequação dos surdos à situação na qual estão inseridos. Não pela ausência de personalidade deles, mas pela falta de liberdade e expressão à qual são muitas vezes condicionados. Assim, essa falta de expressão e indiferença pode ser facilmente associada à característica do cinza de ser "vago".

### 2. "cor da insensibilidade"

"O cinza simboliza falta de sensibilidade ou, pelo menos, sentimentos inacessíveis." (HELLER, 2000). Além de uma análise etimológica a respeito da palavra cinza em alemão, a autora classifica o cinza como "o meio do caminho", aquilo que não afirma nem nega e, por isso, é destituído de qualquer sentimento. Muitos dos relatos registrados para o projeto evidenciaram a falta de empatia das pessoas ao lidarem com pessoas surdas, discriminando-as apenas por serem vistas como diferentes, antes mesmo de procurarem saber um pouco mais acerca do tema. A própria noção de que só entram em contato com a LIBRAS ou possuem um interesse maior no tema quando são obrigados a se depararem com ele já é um indicativo dessa indiferença com o próximo.

### 3. "cor do esquecimento e do passado".

Nesse ponto, o cinza é associado a uma "distância indeterminada", como símbolo de um tempo que não se pode definir muito bem, como por exemplo sabemos que é dia quando está claro e noite, escuro, mas quando há uma neblina, a definição do tempo fica confusa. Quando não se registra a história, ela se perde na memória. Pela dificuldade que os surdos tem de comunicação com as famílias, a associação entre tempo-espço é distorcida, tornando-se difícil localizar o seu lugar no mundo. Se uma pessoa perde sua identidade, quem ela se torna, como pode ser definida a partir de um apagamento da própria história?

Pela ampla correspondência do cinza às tensas situações e limiares da comunidade surda, essa cor se bastou para a Identidade Visual. Qualquer outro acréscimo violaria o espaço criado pelas próprias condições consequentes da relação entre surdos e seus espaços de convivência. É uma vida de luta constante, obstáculos, falta de apoio e cerceamento de liberdade, frente à indiferença das outras pessoas que só observam, mas não se aprofundam a fim de entender de fato as reais dificuldades. Não há espaços para cor nessa realidade. A não ser que seja uma cor neutra, como o cinza.

#### 4.4 IMAGEM DE APOIO

Há um conto muito interessante de Guimarães Rosa, intitulado “Espelho”, localizado estruturalmente no meio do seu livro, “Primeiras estórias”. Trata-se de uma reflexão filosófica existencial, onde o narrador-protagonista busca sua identidade, seu “eu” mais profundo e legítimo. Muitos psicanalistas estudam esse texto, justamente por fazer referência a uma fase de crescimento pela qual todos passam, chamada de “Fase do Espelho”, que é o processo de entender a imagem que vemos no reflexo como imagem de nós mesmos, o auto-conhecimento necessário no desenvolvimento pessoal.

O espelho é repleto de significados e metáforas possíveis, para citar apenas algumas: a inversão, a vaidade, o narcisismo, reflexão, superstição, dentre tantas outras. O mais interessante a ser explorado, nesse caso, é a inversão. Como o projeto parte do princípio de empatia como palavra-chave da exposição, o objetivo é promover a troca de lugares dos sujeitos. De que forma melhor essa inversão aconteceria que não através do espelho? Afinal, somos todos humanos, antes de diferentes. Quando essa inversão acontece de forma profunda, as superficialidades encontradas nos reflexos tornam-se irrelevantes, restando o momento dos encontros. De si com o próximo e, nessa troca, consigo mesmo.

Assim, uma peça considerada fundamental para existir na imagem de apoio era o espelho. As cores já haviam sido definidas. A partir disso, a direção de arte foi pensada, cenograficamente, nesse “não-lugar” ocupado pelo sujeito surdo. Dessa forma, o reflexo não poderia exibir um lugar identificável, mas sim pedras e um espaço

oco, sem identidade estrutural e arquitetônica. Ainda considerando as entrevistas, uma delas relatou um surdo que fora algemado em processo judicial, sem considerarem que as mãos eram o canal de fala dele. “Era como se colocassem amarras em ouvintes”, disse a entrevistada.

Foi assim que a imagem foi construída, com a mesma pessoa olhando-se no espelho, configurando essa incessante busca por uma identidade, por conhecer a si mesmo, mas com o detalhe de, no plano real, a pessoa estar com as mãos atadas e seu reflexo ter as mãos livres, mas a boca calada. É aí que o ouvinte entra, como reflexo desse sujeito surdo que se sente constantemente sem liberdade comunicativa. É essa angústia e sentimento de impotência que as narrativas em realidade virtual pretendem provocar no espectador, para que ele saia da exposição no mínimo incomodado com o sistema e, no melhor dos mundos, com a disposição necessária para mudar um pouco da realidade.



FIGURA 7 | IMAGEM DE APOIO



Em seu livro “Design Emocional, Norman (2018) aborda as características existentes nos produtos que fazem as pessoas amarem ou rejeitarem estes, em um processo quase sempre inconsciente.

Cita também os três níveis do sistema cognitivo que são aplicadas ao design e suscitam emoções: o nível visceral, referente às reações mais básicas e imediatas, como bom e ruim, seguro e perigoso; o nível comportamental, relacionado ao uso de determinando objeto e à repetição, que pode se transformar em comportamentos automáticos, como tocar piano ou dirigir; e o nível reflexivo, no qual sujeitamos nossa mente às reflexões mais abstratas, como apreciar uma obra de arte.

Também explica como um ambiente com as características necessárias para deixar as pessoas confortáveis estimula a criatividade e relaxa os músculos delas, como se identificassem que ali é um lugar seguro o suficiente para aproveitar as sensações e estímulos que ele oferece. Assim, essas pessoas ficam mais abertas e suscetíveis a perceber suas diferentes possibilidades e experimentar de forma mais profunda o que aquele ambiente tiver para oferecer. Um ponto marcante desse estudo é sobre como o design pode facilitar a conexão das pessoas com as diversas interações almejadas.

Trazendo o design emocional aplicado, a Sala de Espera (FIGURAS 9, 10 e 11) será o local que irá promover esse conforto, que será quebrado na hora do encaminhamento para os nichos. Ela terá capacidade de acolher até 15 pessoas. Considerando a visão da entrada, na parede à esquerda (FIGURA 9) haverá um sofá confortável e macio, com uma fileira de carregadores de celular acima dele. Na mesma parede, estruturas similares às de pino de escalada estarão localizadas ao longo dela, formando uma linha do tempo com informações acerca da trajetória da surdez no Brasil. Os pinos representam a árdua escalada que os surdos realizaram - e continuam realizando - em lutas pela busca de direitos, igualdade e inclusão social, sendo que as subidas fazem alusão às conquistas e, as descidas, à momentos de perda ou tensão para a comunidade. É difícil recortar somente alguns de vários movimentos em prol dos surdos, mas as informações destacadas e dispostas serão as seguintes:

#### **476 a 1453:**

Na Europa, na Idade Média, os surdos eram abandonados ou mortos, por serem considerados seres “possuídos pelo demônio” e irracionais, pois a capacidade de raciocinar era ligada diretamente à língua.

**1857:**

É fundado o Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (posteriormente chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES), no período de D. Pedro II, no Rio de Janeiro.

**1977:**

É fundada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), formada apenas por participantes ouvintes e o intuito era “tratar” os surdos para que voltassem à sociedade “reabilitados”.

**1983:**

Uma parte dos surdos organiza uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, reivindicando direitos junto à FENEIDA, que passa a se chamar Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), mudando a estrutura vigente até então, com representantes surdos.

**1880 -**

Os surdos eram proibidos de usar a Língua de Sinais, pois acreditavam prejudicar o ensino da oralização, ou seja, os surdos supostamente sofreriam atrasos caso utilizassem uma língua gestual em vez de uma língua oral.

**2002:**

A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda, pela Lei nº 10.436.

**2005:**

LIBRAS se torna obrigatória no currículo dos cursos de licenciatura, Letras, Pedagogia e Fonoaudiologia, assim como a presença de professores bilíngues em turmas regulares.

**2010:**

A Lei nº 12.319 regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais

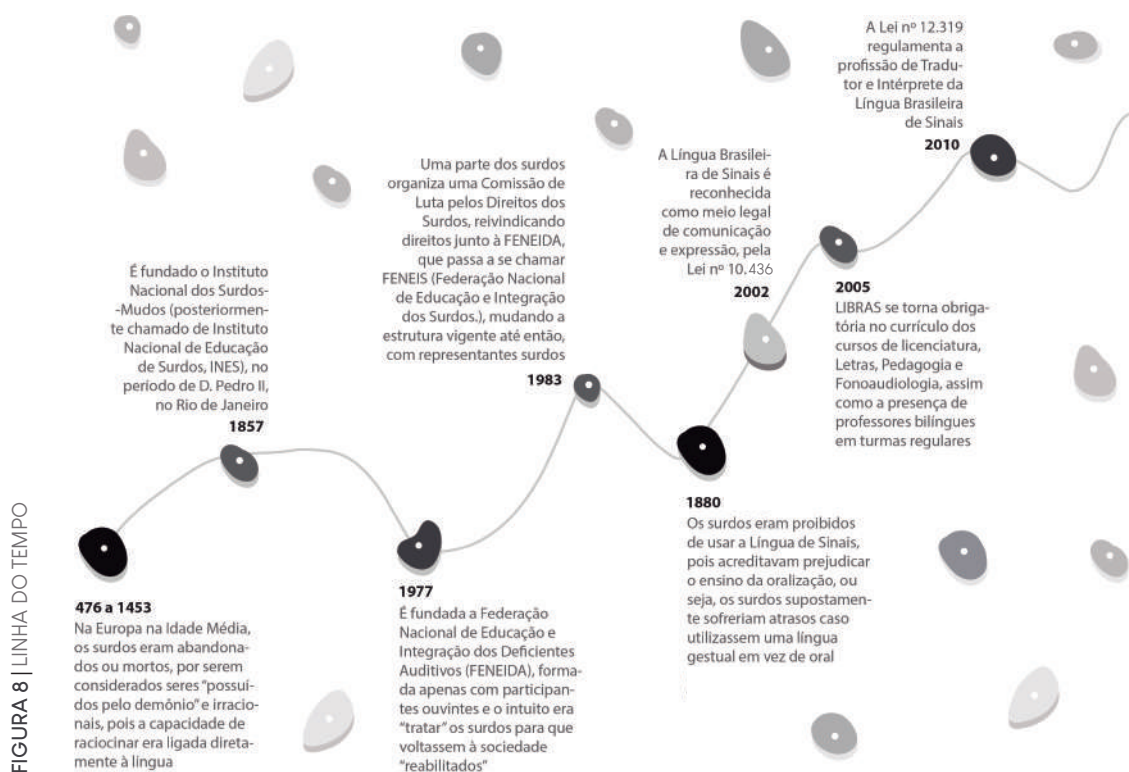


FIGURA 9 | SALA DE ESPERA 1



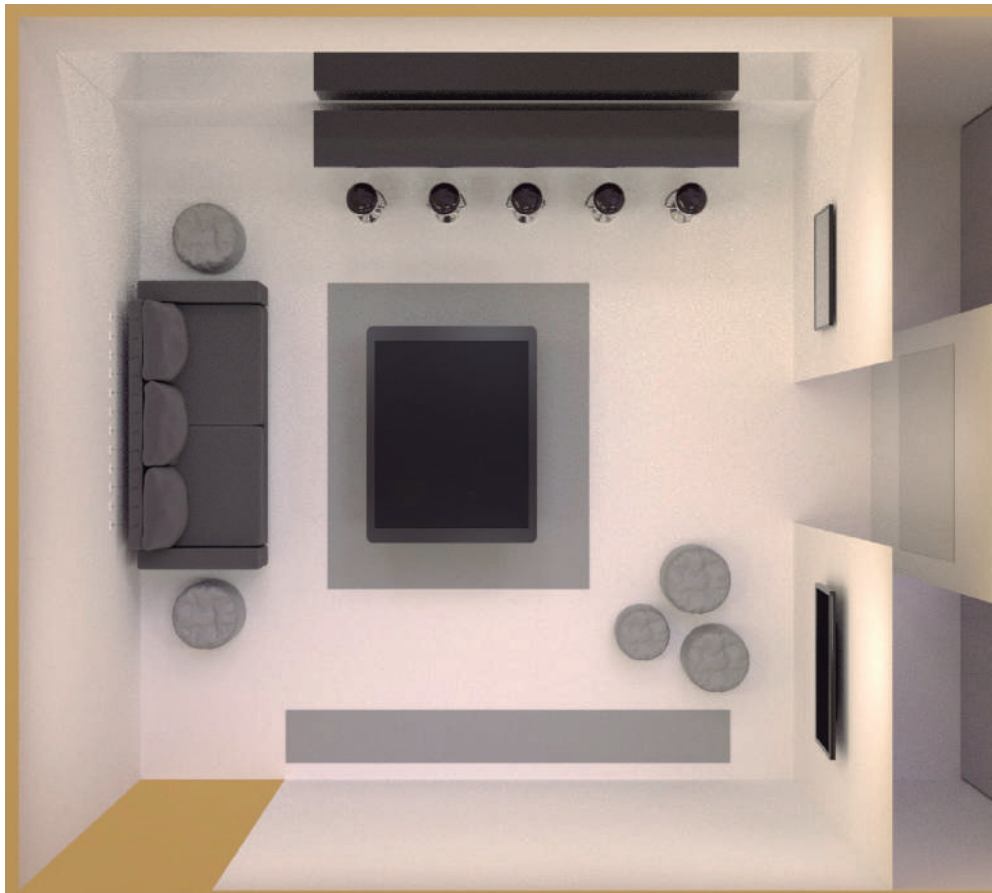
Na parede da porta de entrada (FIGURA 10) será projetado um vídeo em looping de pessoas surdas conversando, em um ambiente descontraído. Um tapete se estenderá caso as pessoas queiram retirar os sapatos e se sentirem mais à vontade. Próximo a eles serão dispostos puffs para quem quiser assistir a programação da TV INES, que estará localizada na parede à esquerda, na direção de outra televisão que, por sua vez, exibirá questionários sobre a surdez – ao mesmo tempo entre-  
tendo as pessoas que estiverem esperando e medindo o nível de conhecimento sobre a temática, o que servirá de parâmetro para uma análise do público da exposição. O texto de curadoria ficará no recuo central, como indicado pela seta.

FIGURA 10 | SALA DE ESPERA 2



A parede oposta à entrada será coberta com um espelho que refletirá os surdos conversando no vídeo. A mesa e as cadeiras de bar, que dialogam com o ambiente descontraído mencionado, têm a função de inserir, através do reflexo, os ouvintes naquele contexto, como se começassem a participar de outra realidade. No centro da sala, em cima do tapete no chão, ficará uma mesa interativa exibindo um jogo relativo ao universo da surdez (no exemplo, meramente ilustrado, está representado o jogo de videogame Moss, desenvolvido pelo estúdio americano *Polyarc*, que utiliza o *sign writing*).

FIGURA 11 | SALA DE ESPERA 3



Logo, a Sala de Espera funciona tanto como o ambiente que possibilitará o relaxamento necessário para que as pessoas apreendam a experiência das histórias em realidade virtual de forma mais aberta, como o ponto inicial de transferência do sujeito para uma subjetividade outra. A partir das cores, imagens de apoio e barulhos destoantes ao que estavam habituados, o público começa a ser deslocado para um novo universo, que é também espaço de aprendizado sobre uma nova cultura e uma nova identidade.

Já nos Nichos (FIGURAS 12, 13 e 14), o objetivo é deixar o espectador experimentar um lugar de desconforto, ao contrário da Sala de Espera. Dessa forma, os aspectos do design emocional a serem considerados serão relativos àqueles que estimulem o cérebro a um estado de alerta, a começar pelas cabines quadradas desprovidas de muito espaço e com pouca iluminação, com a cor cinza predominando. O headfone que colocarão abafará todo e qualquer barulho externo, contribuindo para a imersão na narrativa, que ocorrerá em primeira pessoa pelo mesmo motivo.

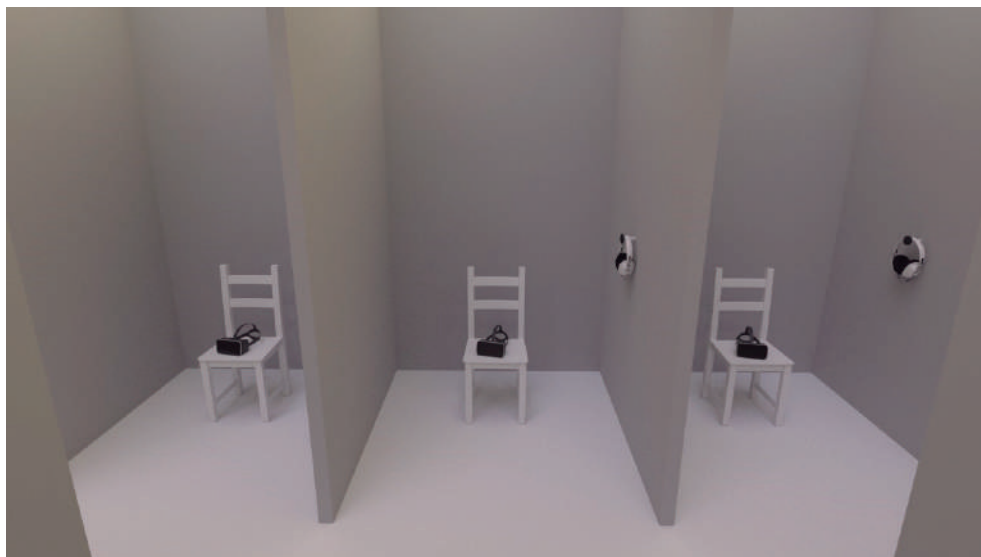
FIGURA 12 | NICHOS 1



FIGURA 13 | NICHOS 2



FIGURA 14 | NICHOS 3



Uma observação importante que Norman pontua é sobre a necessidade de um referente de conforto para que a ansiedade gerada em ambientes tensos não provoque uma “visão de túnel” no espectador, ou seja, que o deixe tão alerta que ele não consiga executar as funções básicas que em outros momentos pareceriam óbvias. Então, os monitores orientarão os espectadores a pedirem ajuda ou retirarem os óculos sempre que precisarem, oferecendo suporte o tempo todo. Os óculos serão presos nas paredes por fios com molas, o que delimitará o espaço disponível para andar, caso escolham a narrativa “A missão”, ou queiram se deslocar em outros momentos. Terminando a narrativa, serão direcionados para a saída e o percurso termina.

## 4.5 APLICAÇÕES

FIGURA 15 | UNIFORMES



FIGURA 16 | CARTAZ



FIGURA 17 | METRÔ



FIGURA 18 | INTERIOR CCBB

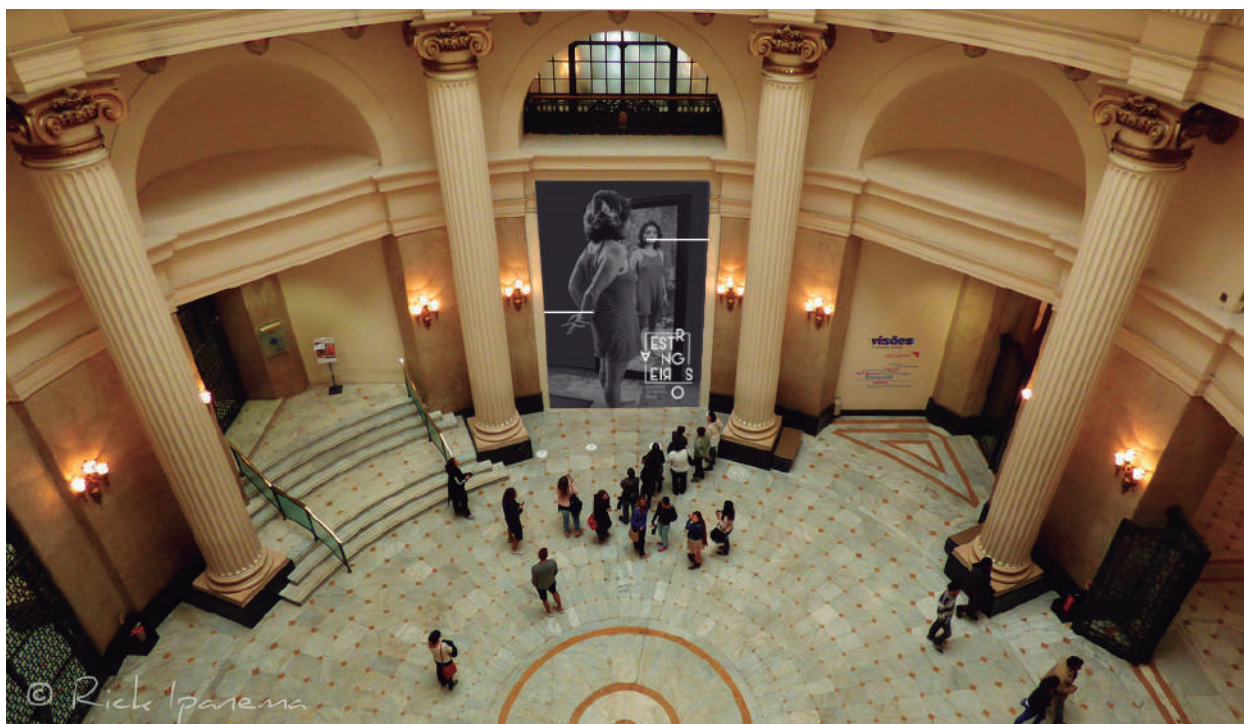


FIGURA 19 | FACHADA CCBB





## 5 CONCLUSÃO

---

A parte mais encantadora desse processo de pesquisa é que, para se escrever sobre o tema, é preciso de fato colocar-se na posição de escuta. É preciso ouvir todas as dores, todas as histórias, todos os motivos, e estar atento àquilo que não nos é dito, verbalmente, mas explicitado em tantos comportamentos, olhares e formas de expressão tão singulares. É preciso viver o que vivem, para saber. Estar próximo. Estar. Mas também ler muito e perder noites de sono porque os conteúdos nunca parecem suficientes quando se trata de surdez.

Entregar um projeto que fala sobre empatia em um curso de Comunicação Visual evidencia ainda mais a importância das áreas humanas de conhecimento e da capacidade da educação de ampliar o acesso às informações, independente do tema. É sobre atuar em um problema e projetar sua solução não apenas tecnicamente, mas considerando todo o contexto que é associado ao ser humano enquanto pesquisador e atuante na sociedade que também o modifica. É evidente, também, a importância da integração de áreas como cinema, letras, museologia, design, entre outras, para o desenvolvimento da proposta.

Os resultados obtidos, como a criação da exposição e sua identidade visual, considerando as histórias relatadas e a participação ativa dos surdos nesse projeto, só foram possíveis graças à integração dessas áreas. Foi abrindo espaço para escutar que a empatia se desenvolveu com e para o projeto, cumprindo enfim o objetivo de promover a troca de lugares e disseminar as informações acerca da surdez, expandindo as possibilidades para um tratamento mais humano com o próximo.

Além disso, é interessante refletir sobre a multiplicidade das palavras e suas escolhas. Por exemplo, “Estrangeiros” soa como o caminho certo para as ideias que se pretendem passar pelo seu significado, que por um lado é claro e, por outro abre possibilidades de interpretação. Uma delas, que surgiu ao longo da discussão, refere-se ao entendimento mais próximo alcançado: o de que, talvez, os Estrangeiros sejam os próprios ouvintes brasileiros, por passarem anos de vida sem conhecer verdadeiramente as diversas realidades do seu Brasil.

## 6 BIBLIOGRAFIA

---

ABREU, Larissa Rachel Ribeiro de; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. **Nos Braços de Mnemosine: O Espaço do Museu Como Lugar de Memória e Educação**, 2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18551\\_8073.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18551_8073.pdf) Acesso em 28 de jun. De 2019

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2014.

SCHULÜZEN, Elisa Tomoe; BENEDETTO, Laís; SANTOS, Danielle Aparecida. **História das pessoas surdas: Da exclusão à política educacional brasileira atual**. Disponível em: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1\\_d24\\_v21\\_t02.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1_d24_v21_t02.pdf)>. Acesso em: 27 de jun. de 2019.

WALBER, Vera Beatris; SILVA, Rosane Neves. **As práticas de cuidado e a questão da deficiência: integração ou inclusão?**, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n1/v23n1a04.pdf>>. Acesso em: 27 de jun. De 2019.

FERNANDES, Eulália. **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação: 2007.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Companhia de Bolso, 2010.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1997.

BOLOGNINI, Carmen Zink; SILVA, Ivani Rodrigues. **Sentidos no Silêncio**. São Paulo: Mercado de Letras, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1987.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

NORMAN, Donald. A. **Design Emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.

#### **Sites consultados:**

**Plano Museólogo Museu da República**. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/Plano-Museologico-do-Museu-da-Republica.pdf>. Acesso em 02 de jul. de 2019.

**Movimentos surdos e os discursos sobre surdez, educação e trabalho: a constituição do surdo trabalhador**. Disponível em: [http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt03\\_07.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt03_07.pdf). Acesso em 02 de jul. de 2019.

**Aprendendo a LIBRAS e Reconhecendo as Diferenças: Uma Proposta de Intervenção Junto a Ouvintes**. Disponível em: <http://www.facol.com/gestus/artigos/artigo6-completo.htm>. Acesso em 02 de jul. de 2019.

**Censo Demográfico 2010**. Disponível em: [https://censo2010.ibge.gov.br/images/pdf/censo2010/questionarios/questionario\\_amostra\\_cd2010.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/images/pdf/censo2010/questionarios/questionario_amostra_cd2010.pdf). Acesso em 02 de jul. de 2019.

**Educação de surdos nos Planos Estaduais e Distrital de Educação**. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/Educacao/Dissertacoes/silva\\_rcd\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/Educacao/Dissertacoes/silva_rcd_me_mar.pdf). Acesso em 02 de jul. de 2019.